

JOÃO MARTOS ROSA

**REPRESENTAÇÕES DE NEGROS PRODUZIDAS POR
ALUNOS, MEDIADAS PELA LEITURA DA OBRA “O
MULATO”**

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO
CAMPO GRANDE – MS
2013**

JOÃO MARTOS ROSA

**REPRESENTAÇÕES DE NEGROS PRODUZIDAS POR
ALUNOS, MEDIADAS PELA LEITURA DA OBRA “O
MULATO”**

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado, do Programa de Pós-Graduação Educação da Universidade Católica Dom Bosco como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Educação.

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO
CAMPO GRANDE – MS
AGOSTO DE 2013**

**REPRESENTAÇÕES DE NEGROS PRODUZIDAS POR
ALUNOS, MEDIADAS PELA LEITURA DA OBRA “O
MULATO”**

JOÃO MARTOS ROSA

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: Educação

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Ahyas Siss (UFRRJ)

Prof. Dr. José Licínio Backes (Orientador)

Porf^ª Ruth Pavan (UCDB)

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO
CAMPO GRANDE – MS
AGOSTO DE 2013**

DEDICATÓRIA

A minha esposa Suzana Borges Ferreira Martos pelo companheirismo de todos os dias durante minha trajetória, minhas angústias, mas sempre com aquela palavra amiga nas horas certas. Aos meus filhos João Felipe Ferreira Martos, Letícia Rosa Ferreira Martos, Júlia Simia Ferreira Martos e Sofia Simia Ferreira Martos, que embora pequenos fizeram parte do processo de mestrado concretizado nesta dissertação.

Aos meus pais Francisco Martos João Simia e Rosa Mateus Suzana Simia pelo apoio. Mesmo tão longe em terras angolanas, pude sentir vosso carinho e amor e pelo apoio financeiro destinado a mim no primeiro momento do mestrado.

A Primeira Igreja Batista em Ribas do Rio Pardo pelas orações de cada um dos membros para mim e para a minha família.

AGRADECIMENTOS

Meus agradecimentos primeiro a Deus que é autor e consumidor da minha fé, sem a qual não poderia chegar até aqui.

Agradeço aos meus pais pelo incentivo que sempre me deram para os estudos. São exemplos para serem seguidos, pois mesmo aos 40 anos de idade dedicaram-se aos estudos, mostrando-me o caminho certo que deve ser percorrido.

Gratidão especial a minha esposa Suzana Borges Ferreira Martos pelo apoio incondicional que me deu, por ficar até altas horas da noite acordada para fazer-me companhia, por acreditar que mesmo o caminho sendo difícil, tudo daria certo.

Não poderia deixar de agradecer aos meus 4 filhos, os quais, sem entenderem foram fundamentais para o sucesso desta jornada. Fiz o que fiz, motivado pelo desejo de ser um exemplo para os meus filhos, assim como meus pais foram um exemplo para mim.

Minha gratidão a Deus pela Primeira Igreja Batista em Ribas do Rio Pardo por entenderem minha ausência em alguns momentos na caminhada cristã que juntos abraçamos, agradeço pelas orações e apoio dado.

Agradeço a 6ª Igreja Batista em Dourados que foi a razão da minha chegada ao Brasil no ano de 1997, pela pessoa do Pr. Francisco Melhado Joris, por entender a aflição que minha família passava naquela época.

Agradeço a Professora Adir Casarro do Nascimento porque desde o princípio me deu todo o apoio.

Agradeço também a Professora Ruth Pavan pelo apoio, conselhos e principalmente por aceitar ser banca em meio a tantos compromissos.

De igual modo ao Professor Ahyas Siss pelas sugestões pertinentes que fez para a realização desta dissertação quando do exame de qualificação e por aceitar o convite em ser banca para esta dissertação.

Agradecimentos ao colégio onde realizei as entrevistas e o grupo focal, na pessoa da sua diretora que me recebeu com muita simpatia, pela professora de literatura da mesma escola por se dispor em me ajudar na dissertação.

Agradeço também a todos os alunos que participaram do grupo focal e da entrevista, pela disponibilidade em participarem da pesquisa.

Por fim agradeço ao Professor José Licínio Backes, meu orientador, que se mostrou ser mais do que um professor ou um orientador, foi um amigo paciente, que de maneira incansável acompanhou todos os meus passos. Foi um motivador que não deixou que eu desistisse da jornada, quando por muitas vezes fui visitado por essa vontade, que sempre fez questão de deixar claro que acreditava no sucesso da pesquisa.

RESUMO

Esta dissertação tem como objetivo analisar as representações do negro produzidas por alunos mediadas pela leitura da obra “o Mulato”. Ela está inserida na Linha de Pesquisa Diversidade Cultural e Educação Indígena do Programa de Pós-Graduação - Mestrado e Doutorado em Educação da Universidade Católica Dom Bosco – UCDB . Ela tem como objetivo geral, analisar quais representações a obra “O mulato” de Aluísio de Azevedo faz dos negros, e que tipo de identidades negras podem ser construídas por alunos do ensino médio, ao lerem esta obra. Inspira-se no campo dos estudos culturais que concebe que a identidade e a diferença são um processo dinâmico, mutável e fundamental para entendermos as sociedades e suas relações. Foram realizadas 3 entrevistas individuais e um grupo focal com cinco alunos de terceiro ano do ensino médio, de uma escola pública de um dos município do interior de Mato Grosso do Sul, totalizando assim 8 sujeitos. Os resultados mostraram que os alunos não se identificaram com o mulato, pois esse não foi bem sucedido, e não porque era negro. As representações produzidas inserem-se algumas vezes no mito da democracia racial e muitas vezes tendem a culpar o negro pela discriminação que sofre. Mas houve também o entendimento que a sociedade, a cultura e a mídia veiculam imagens negativas, o que contribui para que o negro seja discriminado e como uma tentativa de escapar ao preconceito não se identifica como negro. Concluímos que a disciplina de Literatura nas escolas pode ser um espaço importante de discussão racial e de construção de identidades, mas para isso é fundamental que o professor esteja preparado para mediar tal discussão com a finalidade de problematizar o tema.

PALAVRA-CHAVE: Cultura, Identidade negra, Literatura, Racismo.

ABSTRAC

This thesis aims to analyze the representations of black produced by students mediated by reading the book "The Mulatto". It is inserted on Line Research Cultural Diversity and Indigenous Education Program Graduate - Master's and Doctorate in Education from Catholic University Dom Bosco - UCDB. She aims to describe, analyze what representations the book "The Mulatto" of Aluisio de Azevedo makes the blacks, and what kind of black identities can be built by high school students as they read this book. It draws on the field of cultural studies that conceives identity and difference is a dynamic, changeable and essential to understanding modern societies and their relationships. 3 were conducted individual interviews and a focus group with five students in the third year of high school, a public school in one of the inner city of Mato Grosso do Sul, totaling 8 subjects. Results showed that students did not identify with the mulatto, because this was not successful, and not because he was black. The representations produced sometimes fall into the myth of racial democracy and often tend to blame the black discrimination. But there was also an understanding that society, culture and the media only convey negative images, which contributes to the black is broken and as an attempt to escape the prejudice is not identified as such. We conclude that the literature can be an important space for discussion and construction of racial identities, but it is vital that teachers are prepared to make this discussion.

KEYWORDS: Culture, Identity black, Literature, Racism.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES NEGRAS: UM PROCESSO HISTÓRICO E CULTURAL	17
1.1.O ENTENDIMENTO DE CULTURA	177
1.2 A ESCOLA COMO ESPAÇO DE CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES	20
1.3 CONSTRUINDO NOVAS E POSITIVAS IDENTIDADES NEGRAS	31
2. REPRESENTAÇÕES DE NEGROS PRODUZIDAS POR ALUNOS, MEDIADAS PELA LEITURA DA OBRA “O MULATO”	444
2.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	444
2.2 PROBLEMA E OBJETIVO	477
2.3 SITUANDO A OBRA O MULATO	551
2.4 BREVE RESUMO DA OBRA	552
2.5 AS REPRESENTAÇÕES DOS NEGROS NA OBRA “O MULATO”	53
2.6 REPRESENTAÇÃO DO NEGRO NA OBRA SEGUNDO OS ALUNOS	56
2.6.1 “OS NEGROS NÃO ASSUMEM SUA IDENTIDADE, ELES MESMO SE AUTO DISCRIMINAM.”	57
2.6.2 COLOCANDO-SE NO LUGAR DO SUJEITO NEGRO?	59
2.6.3 (NÃO) IDENTIFICANDO-SE COM RAIMUNDO.....	61
2.6.4 PERCEPÇÃO DOS ALUNOS SOBRE AS REPRESENTAÇÕES DOS NEGROS	66
CONSIDERAÇÕES FINAIS	7171
REFERÊNCIAS	75

INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas afloraram no interior das academias, discussões acaloradas sobre a temática do multiculturalismo, das diversidades étnicas e culturais na educação, e sobre a necessidade de haver no Brasil uma educação multicultural, uma educação que abranja a diversidade de culturas que formam a sociedade brasileira.

Sendo o Brasil um país composto de diversas raças e culturas, sua educação precisa privilegiar todas as culturas que representam a população brasileira. É voz corrente entre os pesquisadores da área da educação, que o Brasil precisa de uma educação que discuta com seriedade, as questões raciais e culturais que fazem parte da sociedade. Em entrevista a Revista Teias, Candau (2011), ao fazer uma reflexão sobre a educação brasileira e também da América Latina, mostra como tem sido a educação sob a ótica monocultural:

O sistema escolar em geral e o sistema escolar latino-americano-brasileiro, estão fortemente ligados a lógica do que chamamos de modernidade, bem como ligados à construção dos estados nacionais. Nesse sentido, estão fortemente impregnados da ideia de que a escola está a serviço da construção de uma cultura comum a todos os membros de uma nação e, portanto, essa cultura comum enfatiza aqueles conteúdos que são tradicionalmente legitimados e universalizados. Isso vem da tradição europeia, uma tradição do iluminismo que está fortemente impregnada de uma visão eurocêntrica, branca e ocidental dos conhecimentos e da realidade... mas é verdade também que, especialmente nas últimas décadas, no caso brasileiro, tem havido uma forte discussão sobre essa dinâmica de construção do que chamamos de cultura escolar (p.280).

A educação praticada no Brasil é monocultural porque privilegia em seu currículo, a cultura europeia em detrimento da cultura africana, afro-brasileira e indígena. Neste sentido esta educação privilegia um único saber e uma única cultura

O grande desafio no momento, talvez seja fazer com que as discussões travadas nas academias, saiam destes lugares restritos, e cheguem à sociedade em geral. Que os reflexos destas discussões não sejam vistos e sentidos apenas nas academias, mas que também possam chegar às ruas, e, principalmente, com maior intensidade, nas escolas.

Portanto, o grande desafio é fazer com que estas discussões sejam realizadas em um âmbito social mais amplo, envolvendo assim, todas as camadas da sociedade, com a finalidade de melhorar e ampliar o debate sobre a educação multicultural.

Um destes lugares privilegiados é a escola. Nela, as culturas historicamente marginalizadas devem ser problematizadas. Gomes (2006) falando sobre a importância da escola para a valorização das culturas escreveu que

Se queremos que a escola se efetive como um direito social, precisamos garantir igualdade de oportunidades, de acesso ao conhecimento de valorização da cultura e dos saberes sociais a toda comunidade escolar. A cultura negra é uma delas. A diversidade étnica e racial e as diferentes formas como ela tem sido trabalhada têm de ser discutidas com todos os sujeitos da educação (p.36)

Quero com isso dizer que precisamos de uma educação onde o aluno indígena se sinta contemplado não como o exótico que precisa ser estudado ou que nada tem a ensinar, mas como alguém ou um povo que teve e tem sua importância na construção da nação brasileira. De igual modo, que o aluno negro se sinta parte dela, não como o eterno escravo ou o incapaz, mas como um grupo étnico importante para a construção e o desenvolvimento deste país e por isso, tem o direito de ver suas culturas contempladas de forma positiva.

Dentre estas várias culturas que compõem a sociedade brasileira, quero destacar neste trabalho as culturas negras ou a cultura afro-brasileira. Aqui usamos o termo culturas negras no plural, por entender que no Brasil encontramos vários grupos étnicos negros e cada um destes, possui sua própria cultura. Isso quer dizer que não existe apenas uma única cultura negra ou uma única maneira e forma de ser negro, embora racial e culturalmente sejam vistos como sendo apenas um.

Os negros são iguais no que tange a cor de sua pele, mas cada um de nós tem a sua própria especificidade, a sua particularidade. Os negros da Bahia, por exemplo, tem uma cultura que os difere dos negros residentes no Rio de Janeiro. O mesmo ocorre com outros grupos raciais no Brasil, e suas diferenças precisam ser respeitadas.

Ao longo de minha vida, tinha o entendimento que ser negro era ter a pele negra, o cabelo crespo e outras características que identificam fenotipicamente o negro. Mas este

estudo e a minha inserção no Curso de Mestrado, mostrou-me que ser negro no Brasil, não pode ser restringido apenas aos fatores biológicos, ou ao fenótipo. Ser negro vai além das características físicas, tem haver também com fatores culturais e políticos. Além disto, este estudo, ressignificou uma outra questão, que sempre carreguei comigo. Por ser negro e africano, considerava-me um negro puro. A primeira vez que tive contato com o termo híbrido, foi quando ainda era aluno especial do Curso de Mestrado da Universidade Federal da Grande Dourados, e confesso que não gostei. Senti que algo em mim estava sendo arrancado, mas a maturação desta ideia de não existência de pureza humana e cultural dissipou-se quando do meu ingresso neste Programa de Pós Graduação, e o mergulho nas leituras dos autores dos estudos culturais. Autores como Bhabha (2007), Hall (2004), Silva (1995) e tantos outros, ajudaram-me a dizer quem sou e como sou.

Como eu poderia ser puro, tendo sido colonizado por portugueses? Ter o nome que tenho? E pertencer a uma religião Cristã Evangélica de origem europeia? Estas reflexões fizeram parte de toda minha caminhada no Mestrado, e me ajudaram a entender a complexidade que ronda os termos como identidade, cultura e diferença, termos centrais neste trabalho.

Percebi também que a identidade é criada dentro das culturas e que todo o grupo humano é possuidor de cultura e que a formação de identidades sejam elas positivas ou negativas se dá dentro da cultura e na relação com outras culturas, através da relação entre os diferentes.

O que pude também aprender ao longo desta pesquisa, com a ajuda dos autores, é que o não respeito à cultura negra, tem sido um dos males que os negros brasileiros sofrem, suas culturas são homogeneizadas, não respeitando as diferenças que cada um deles traz. Diferenças oriundas de suas origens africanas e também produzidas aqui no Brasil, adquiridas na convivência com outros povos encontrados aqui, o que também ocorre com todos os outros grupos. Por exemplo, os descendentes europeus catarinenses, diferem dos descendentes europeus do Rio Grande do Sul.

Embora exista um número considerável de negros no Brasil, e dependendo da maneira como se interpretar o senso brasileiro do IBGE é possível chegarmos à conclusão de que a população negra é maior que a branca, mas, não podemos nos esquecer que cada grupo negro no Brasil tem sua própria cultura. O erro que se comete no Brasil, é classificar os negros, todos da mesma maneira. Este erro é histórico, pois quando foram sequestrados da África e trazidos à força para o Brasil, foram todos vistos como sendo os “mesmos”. Até hoje há quem olhe para a África de uma maneira generalizadora, não diferindo os diversos grupos étnicos

que compõem a população africana, e que cada um destes grupos tem sua própria maneira de ser, seus próprios costumes, enfim, sua própria cultura. Não existe uma África única culturalmente, mas sim, várias.

Sou angolano e a minha cultura difere muito da cultura egípcia, da marroquina, ou da camaronesa, mesmo que todos nós pertencemos à África. Claro que existe muito mais proximidade cultural do angolano com o egípcio do que há, entre um angolano e um belga por exemplo, mas ainda assim somos diferentes, e esta diferença não nos torna inimigos nem melhores uns dos outros. As diferenças não estão apenas entre os vários países que compõem o mesmo continente. É possível notá-la dentro dos países. Nem todo angolano tem a mesma cultura. Sou angolano do norte de Angola, da província do Zaire, portanto, bakongo. Minha cultura difere de um outro angolano que é de uma outra região da minha. Dentro do mesmo país temos os bailundos que são da região sul do país. Somos todos angolanos, amamos o nosso país, talvez com a mesma intensidade, mas temos traços linguísticos diferentes, nossos costumes e hábitos são diferentes, portanto, temos culturas diferentes. Por isso, é um grave erro olhar para África e enxergar um povo apenas e uma só cultura. Sobre a diversidade cultural do continente africano Munanga (2009) escreveu:

Não há dúvida alguma de que já foi superado o tempo em que se sonhava com uma África unida, indivisível, berço do mundo negro e da humanidade, preservada e uniforme. De fato, os atuais Estados africanos são multiétnicos, compostos por um certo número, às vezes centenas, de grupos que falam línguas diferentes. Possuem escala de valores, crenças religiosas, instituições familiares distintas. Dentro da África existe cerca de um milhão de grupos étnicos, quer dizer, culturas diferentes (MUNANGA, 2009, p. 64).

Assim como temos diversos grupos étnicos no continente africano de onde saíram os negros que formam parte da sociedade brasileira, e sabendo que saíram de diversas partes da África, também se pode afirmar que é errado olhar para os negros brasileiros, vindos de diversos lugares da África e que trazem cada um a sua própria cultura, dizer que todos eles são os mesmos culturalmente.

Por causa disto cai-se em um outro grave erro contra essa população. O erro da essencialização do negro brasileiro e a redução de todas as culturas negras a uma só. Um exemplo disto é a imagem criada de que todo o negro brasileiro sabe dançar a capoeira. Mesmo reconhecendo que a capoeira faz parte das manifestações culturais dos negros brasileiros é sempre bom salientar que, nem todos os negros sabem dançar ou praticar a capoeira. O fato de ser negro, não necessariamente me faz um jogador de capoeira. Munanga (2003) sobre isso escreveu,

Como a identidade cultural se constrói com base na tomada de consciência das diferenças provindo das particularidades históricas, culturais, religiosas, têm-se culturas particulares que escapam da cultura globalizada e se posicionam até como resistência ao processo de globalização. Essas culturas particulares se constroem diversamente tanto no conjunto da população negra como no da população branca e oriental. É a partir da tomada de consciência dessas culturas de resistência que se constroem as identidades culturais enquanto processos e jamais produtos acabados. São essas identidades plurais que evocam as calorosas discussões sobre a identidade nacional e a introdução do multiculturalismo numa educação-cidadã, etc. Olhando a distribuição geográfica do Brasil e sua realidade etnográfica, percebe-se que não existe uma única cultura branca e uma única cultura negra e que regionalmente podemos distinguir diversas culturas no Brasil. (MUNANGA, 2003, p. 14 – 15).

Cabe salientar que fazer parte de uma cultura não significa ser o mesmo, mas compartilhar um conhecimento comum que permita a convivência entre os que pertencem a este grupo:

Embora nenhum indivíduo, repetimos, conheça totalmente o seu sistema cultural, é necessário ter um conhecimento mínimo para operar dentro do mesmo. Além disto, este conhecimento mínimo deve ser partilhado por todos os componentes da sociedade de forma a permitir a convivência dos mesmos. (LARAIA, 1995, p. 88 - 89).

O desconhecimento da cultura do outro e quais conhecimentos partilham, leva a essencialização, e esta essencialização pode ser vista em várias áreas da sociedade, como na música, no futebol, na dança, etc. As essencializações podem até parecer positivas até certo momento, por exemplo, quando juntos lutamos por um direito. Mas, se refletirmos de forma mais atenta, veremos que elas mutilam e aleijam culturalmente um povo, além de ajudarem a criar os preconceitos e a manter o negro longe de outras atividades, por acreditar-se que ele não seja capaz de exercer tal atividade por causa da sua identidade, e porque está fora da área que é designada a pessoas de sua cultura.

A essencialização neste ponto é negativa porque separa o negro de alguns espaços do cenário social brasileiro, inclusive dos espaços escolares mais prestigiados socialmente, historicamente reservados para os brancos. Sobre isso Backes (2006) escreve:

A cultura diz quem nós somos, o que não devemos ser, o que devemos nos tornar, como devemos nos comportar, que lugares sociais podemos ocupar. A cultura associa, muitas vezes, a diferença com inferioridade. [...] A cultura legitima a idéia de que alguns devem viver em favelas e outros em mansões. A cultura produz a ideia de que alguns devem ser sem-terra e outros latifundiários. (p. 431).

Neste sentido, a cultura regula, molda, cria estereótipos, preconceitos, silencia e faz do negro um mero coadjuvante. O negro brasileiro tem seus lugares demarcados pela cultura brasileira. Esta cultura determinou que o negro para sonhar com uma ascensão social, deve inserir-se no meio da música, no futebol, omitindo inclusive, que essa inserção foi fruto de luta e uma conquista dos negros.

Mas a cultura é sempre dinâmica. Ela pode produzir outras relações sociais. Uma cultura pode estabelecer relações com outras culturas que não visem a desigualdade, a subalternidade. A produção da cultura é inerente aos seres humanos e se dá por várias formas.

Particularmente a que nos interessa nessa dissertação é a literatura. Mais especificamente a obra “O Mulato”, do autor maranhense Aluísio de Azevedo. Ancorado em pensadores da área dos estudos culturais, temos como objetivo geral: analisar quais representações a obra faz dos negros e que tipo de identidades negras podem ser construídas pelos alunos do ensino médio, ao lerem esta obra. Para darmos conta desse objetivo geral, destacamos como objetivos específicos: a) identificar as razões que os alunos apontam para a existência do racismo; b) verificar se os alunos se identificam com o personagem negro e os motivos para a (não) identificação; c) analisar as representações de negros feitas por alunos que leram a obra “O Mulato”. Lembramos com Hall (2006) que nossas identidades podem ser afetadas negativa ou positivamente dependendo da maneira como somos interpelados.

Para a coleta de dados que nos ajudaram a responder aos objetivos acima expostos, foi realizado um grupo focal com 5 alunos do ensino médio, de uma escola pública de um dos municípios do estado de Mato Grosso do Sul. Além deste grupo focal, fizemos também entrevistas individuais com 3 alunos da mesma turma. A escolha do grupo focal deu-se porque ele permite que os sujeitos falem com maior liberdade sobre um determinado assunto e possam rever seus posicionamentos em função da relação com outros sujeitos (MEINERZ, 2011).

O trabalho está dividido em dois capítulos, sendo que no primeiro faremos uma fundamentação teórica sobre as definições de cultura e identidade usando autores como Hall (2006), Munanga (2009), Backes (2006) entre outros, autores que estudam a questão racial no Brasil. Além disto, neste mesmo capítulo, também discutiremos sobre a necessidade de se construir novas e positivas identidades negras. Se existe a necessidade da construção de novas identidades, é porque as antigas não satisfazem mais aos negros. O termo novas identidades, é comum entre os autores dos estudos culturais, que acreditam assim como Hall (2006) “que as

velhas identidades, que durante muito tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno” (p. 7). Para podermos ver a necessidade destas novas identidades, recorreremos a história brasileira, que mostra o porquê da necessidade da construção de novas identidades para as populações negras deste país.

No segundo capítulo, apresentaremos os procedimentos metodológicos de forma detalhada. Por entender junto com os Estudos Culturais que o conhecimento carrega as marcas do sujeito que o produz, trarei sucintamente minha trajetória acadêmica. Ainda neste capítulo analiso as representações que a obra faz dos negros, bem como as representações produzidas por alunos mediadas pela leitura dessa obra.

1. CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES NEGRAS: UM PROCESSO HISTÓRICO E CULTURAL

1.1. O ENTENDIMENTO DE CULTURA

O entendimento de cultura é central nesta dissertação, pois segundo nossa discussão teórica é ela que produz as identidades e as diferenças. É ela que produziu e produz o que significa ser negro no Brasil. Por causa do processo histórico que a população negra passou, culturalmente, o ser negro hoje representa recorrentemente o que é ruim, o que é mau. A cultura negra foi folclorizada, a religião afro-brasileira desprezada, seus hábitos e costumes passaram a ter um sentido maléfico.

Ao longo dos últimos anos, vários autores têm se debruçado na difícil tarefa de definir e entender a cultura e a produção das identidades.

O termo cultura pode ser entendido em linhas gerais, como todo aparato de signos de um povo que inclui o conhecimento, nas áreas da arte, das crenças, da lei, da moral, dos hábitos, etc. Com isso pode-se dizer que todo o conhecimento (empírico ou científico) é produto da cultura. Assim sendo, é correto afirmar que todos os povos possuem suas próprias culturas, e que não existe um grupo humano que não a possua. A cultura pode variar de lugar para lugar, mas todos os grupos a produzem. Segundo Backes:

A cultura atravessa tudo. Isto significa dizer que todos os seres humanos são produtores de cultura e ao mesmo tempo um produto da cultura. Daí que não faz sentido falar em mais cultura, menos cultura, baixa cultura, alta cultura. Todos somos sujeitos de cultura e da cultura. (BACKES, 2006, p. 430 – 431).

Alguns autores têm discutido a questão da cultura em consonância com a identidade e com a diferença, afirmando, que a identidade de um povo ou de um determinado grupo é construída no interior da cultura. É também no interior da cultura que os preconceitos são criados, os estereótipos são forjados. Mas a cultura fatalmente, será o lugar onde todas estas construções que tem inferiorizado o negro serão desconstruídas, e construídas identidades resignificadas para os grupos étnicos que vivem sendo produzidos pela cultura hegemônica como tendo menos cultura. Daí a importância da valorização da cultura de um grupo. Backes (2006) definindo cultura afirma que:

Cultura é o campo onde o sentido das coisas, das identidades, das diferenças é negociado e construído [...] Ela é um campo de luta e contestação. O sentido é produzido no interior da cultura e está circunscrito ao próprio contexto cultural. Não existe sentido fora da cultura. Estes sentidos/significados são produzidos socialmente, o que significa reconhecer que são estabelecidos pelas relações de poder. A cultura produz as identidades e as diferenças. (p. 431).

A cultura tem poder para criar e recriar sentidos, além de dar voz a alguns e silenciar outras tantas vozes. A cultura produz o sujeito e o transforma a sua maneira naquilo que o jogo de poder define. A cultura valoriza alguns e desvaloriza outros. Assim foi feito com os negros africanos trazidos ao Brasil: de homens livres, donos de seus caminhos e de suas histórias, foram transformados em escravos sem voz e sem história alguma. Não que eles não a possuíssem, mas suas histórias de vida social e individual foram tiradas pela imposição de uma história nacional:

As culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre ‘a nação’, sentidos com os quais podemos nos *identificar*, constroem identidades. Estes sentidos estão contidos nas histórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que dela são construídas. (HALL, 2004a, p. 51).

A construção de uma identidade nacional, não se dá em um terreno livre de conflitos, pelo contrario, ela é travada em um terreno hostil onde muitos discursos e sentidos são criados: “[...] a afirmação da identidade nacional pode omitir diferenças de classe e diferenças de gênero.” (WOODWARD, 2000, p. 14).

A cultura é muito importante para a construção das identidades, pois não há identidades fora da cultura, e estas culturas ao produzirem sentidos modificam o indivíduo, o

grupo étnico, a sociedade em geral e produzem identidades e diferenças. Estas mudanças, nem sempre são positivas, elas irão depender dos sentidos que a sociedade irá atribuir a elas.

A cultura dos afrodescendentes no Brasil foi escrita com muitos estereótipos, e por estes estereótipos têm sido identificados os negros deste país. Infelizmente o passado imposto sobre o negro continua a subjugar seus descendentes até os dias atuais.

A construção das identidades dos afro-descendentes passa pela valorização da cultura africana, sua história e tudo o que os identifica como grupo cultural.

Mesmo entendendo que a identidade é algo móvel e não fixo e que se transforma com o passar dos anos, o negro brasileiro continua recebendo e sendo identificado pelo passado que foi imposto a ele. As culturas mudam, mas o negro e a sua cultura foi congelado no tempo, sem o direito a mudança.

Por mais que o negro faça, estude, trabalhe, ou faça qualquer outra coisa de bem em sua vida e para o seu grupo, ele continua sendo tratado como subalterno por causa de sua história passada. A imagem de negros como escravos persiste até hoje, e acabar com este estereótipo não tem sido tarefa fácil.

Cunha Jr (2005) procurando definir cultura, diz que os seres humanos são coletivos, e por isso formam coletividades humanas e vivem em sociedades. Esta coletividade é formada pela diversidade de experiências sociais, portanto, não são coletividades homogêneas. Assim a cultura pode ser entendida como experiência humana, formada por expressões materiais e imateriais.

Por esse entendimento de cultura, não há razões para pensar em hierarquias culturais ou falar em alta cultura ou baixa cultura. Mas essa questão foi muito discutida, principalmente pelos europeus.

Durante muitos anos os alemães se auto-intitularam donos da cultura do mundo porque eles entendiam que cultura era algo único e eles eram os detentores desta única cultura.

Desde o século XVIII alguns intelectuais alemães passaram a chamar de Kultur a sua própria contribuição para a humanidade, em termos de maneiras de estar no mundo, de produzir e apreciar obras de arte e literatura, de pensar e organizar sistemas religiosos e filosóficos – especialmente todo aquele conjunto de coisas que eles consideravam superiores e que os diferenciava do resto do mundo –, a Cultura passou a ser escrita com letra maiúscula e no singular. Maiúscula por que era vista ocupando um status muito elevado; no singular porque era entendida como única. E se era elevada e única, foi logo tomada como modelo a ser atingido pelas outras sociedades.” (...)Veio daí, por exemplo, a diferenciação entre alta cultura e baixa cultura.” (VEIGANETO, 2003, p. 07).

E nesta divisão entre culturas, a cultura dos povos africanos sempre foi vista e entendida como sendo a baixa cultura, enquanto a europeia ganhava o status de cultura alta. A cultura alta, auto delegou-se o direito de classificar as outras culturas.

Esta divisão de cultura entre alta e baixa, levou a classificar a cultura africana como inferior, e por esta suposta inferioridade, foram escravizados. Sua história foi desvalorizada, criando-se vários estereótipos sobre as características físicas e culturais dos negros.

Nesse processo, a escola desempenhou um papel central. Ela foi colocada como um instrumento privilegiado de imposição da cultura europeia aos demais povos.

1.2 A ESCOLA COMO ESPAÇO DE CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES

A história do negro brasileiro é uma história de lutas, de resistência, lutas estas que trazem ou trouxeram inúmeros sofrimentos para a população negra no Brasil. Mas também é uma história escrita de algumas conquistas históricas, dentre elas podemos apontar a abolição da escravidão em 1888, pondo fim a escravidão física a que este povo foi submetido.

Várias outras conquistas houve, mas destacamos a conquista dos negros brasileiros, junto de seus movimentos, traduzida em forma de lei. A Lei 10.639/03 obriga o ensino da história e da cultura africana nas escolas de todo o país, assegurando assim o direito ao negro, de ver sua história e sua cultura ser estudada.

Para Gomes (2011) a Lei 10.639/03 é muito mais que uma iniciativa do Estado. Essa Lei deve ser compreendida como uma vitória das lutas históricas empreendidas pelo movimento negro brasileiro em prol da educação e da igualdade de direitos.

Esta Lei surge como resultado das reivindicações dos movimentos negros e alguns outros movimentos sociais, que lutam pela superação do racismo na sociedade de uma forma geral e mais especificamente na educação escolar. Como afirma Gomes (2006), a superação do racismo nas escolas, parte da construção de um currículo que respeite a diversidade cultural. No entendimento desta autora, isso passa necessariamente, por uma postura de combate às práticas racistas e discriminatórias no interior da escola. De maneira efetiva, acabar com o racismo na escola “representa desconstruir as narrativas dominantes e racistas através das quais o racismo se perpetua” (GOMES, 2006, p. 36).

Candau (2011, p. 282) aponta como avanço na educação, a conquista dos negros em terem e verem a história e a cultura negra no currículo escolar. “Essa preocupação desestabiliza e obriga a repensar a questão do currículo, da seleção de conteúdos, dos processos de ensino – aprendizagem na escola”.

Gomes (2011) afirma que existem grupos de intelectuais que partilham da concepção de que a escola é uma das instituições sociais responsáveis pela construção de representações positivas dos afro-brasileiros e por uma educação que tenha o respeito à diversidade como parte de uma formação cidadã. Acreditam ainda que a escola, e principalmente as escolas públicas, exercem papel fundamental na construção de uma educação antirracista.

Mesmo depois de aprovada, a referida Lei ainda tem encontrado muitas resistências para ser executada em todas as instâncias da educação brasileira, como as Secretarias de Educação, escolas e entre os professores. Esta resistência, mostra como as questões que dizem respeito aos negros são tratadas. Segundo Gomes (2006, p. 69-70), esta resistência não se dá no vazio:

Antes, está relacionada com a presença de um imaginário social peculiar sobre a questão do negro no Brasil, alicerçado no mito da democracia racial. A crença apriorística de que a sociedade brasileira é o exemplo de democracia e inclusão racial e cultural faz com que a demanda do trato pedagógico e político da questão racial seja vista com desconfiança pelos brasileiros e brasileiras, de maneira geral, e por muitos educadores e educadoras e formuladores de políticas educacionais, de forma particular.

Conforme já afirmamos, esta Lei surge como uma tentativa para desconstruir a imagem que foi criada sobre o afro-brasileiro na sociedade e na escola. As imagens mais fortes presentes no imaginário social e nas escolas ainda são aquelas associadas à escravidão:

Ainda quando se fala em África na escola e até mesmo no campo da pesquisa acadêmica, reporta-se mais ao escravismo e ao processo de escravidão... Somos ainda a geração adulta que, durante a infância, teve contato com a imagem do africano e seus descendentes no Brasil mediante representações dos pintores Jean-Baptiste Debret e Johan Moritz Rugendas sobre o Brasil do século XIX e seus costumes. Africanos escravizados recebendo castigos, crianças negras brincando aos pés dos senhores e senhoras, os instrumentos de tortura, o pelourinho, o navio negreiro, os escravos de ganhos e algumas danças típicas são as imagens mais comuns que povoam a nossa mente e ajudam a forjar o imaginário sobre a nossa ancestralidade negra e africana. Essas imagens estavam presentes nos livros didáticos, sobretudo nos de História (GOMES, 2011, p. 75)

O ensino da história dos negros africanos e dos afrodescendentes e a valorização do ensino de sua literatura e sua cultura permitirá que se desconstruam as muitas estórias criadas contra o negro ao longo dos anos. Também abre a oportunidade para desfazerem-se os estereótipos criados contra o cidadão negro. Estes estereótipos são a principal ferramenta que tem sido usada para a propagação dos preconceitos raciais contra o negro. Entretanto, a literatura pode ser um momento privilegiado de valorização da cultura e história africanas.

Mas esta valorização não pode apenas figurar na Lei do país, na LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação). Esta valorização precisa efetivamente ser vista em nossas escolas. Nossos professores precisam estar imbuídos nesta missão para que se valorize a cultura dos afro- descendentes. Esta valorização é muito importante, como afirma a Gomes (2006).

A cultura negra possibilita para os negros a construção de um “nós”, de uma história e de uma identidade. Diz respeito à consciência cultural, a estética, a corporeidade, à musicalidade, a religiosidade marcadas por um processo de africanidade e recriação cultural. Esse “nós”, possibilita o posicionamento do negro diante do outro e destaca aspetos relevantes da sua história e de sua ancestralidade. (p. 37)

Em um país miscigenado como o Brasil, não se pode encarar o preconceito racial, a desigualdade econômica e a desvalorização da cultura negra como sendo problema apenas dos negros, mas, estas questões, precisam ser vistas como sendo problemas de toda a sociedade. Ainda falando sobre a questão da educação escolar brasileira, Gomes (2006, p. 36) afirma que:

Enquanto a educação escolar continuar considerando a questão racial no Brasil algo específico dos negros, negando-se a considera-la uma questão colocada para toda a sociedade brasileira, continuaremos dando espaço para práticas equivocadas e preconceituosas.

Mais recentemente os movimentos negros tiveram outra vitória: a Lei das Cotas, que inclui os negros. Ela garante que alunos negros tenham acesso à educação universitária nas instituições públicas de educação superior no Brasil, direito este que possibilitará ao negro brasileiro adentrar a um território até então reservado a uma minoria da população. Sobre a luta e a resistência Backes (2006) escreveu que,

Os afrodescendentes, por meio de muita luta, organização e resistência, subvertem a lógica da exclusão do ensino superior e, ao ocuparem este espaço, afirmam sua identidade cultural/racial, contribuindo positivamente para que mais sujeitos deste grupo cultural e de outros grupos culturais em situação de desvantagem sintam-se encorajados para lutar e ocupar lugares tradicionalmente frequentados pelos grupos dominantes (BACKES, 2006, p. 432).

Segundo Siss (2011), “as políticas de ação afirmativa constituem-se como políticas públicas, e elas estão voltadas para a promoção e afirmação da igualdade daqueles grupos ou minorias políticas, colocadas em posição de subalternização social” (p.15).

Nos debates travados para a aprovação da Lei de Cotas e a Lei 10.639/03, se discutiu a melhor inserção do negro na sociedade. Podemos dizer que valeu a pena toda a luta dos movimentos negros até chegarmos aqui, mas acreditamos que há muito ainda a ser feito e a ser conquistado. Os negros não precisam de cotas, precisam apenas das mesmas oportunidades que se tem dado a outros grupos étnicos. Mas enquanto isso não se fizer, as cotas vão servindo a população negra, como forma de compensação aos muitos anos de exploração indevida da população afro-brasileira. Munanga (2000) citado por Siss (2011), diz que as cotas

São por isso compensatórias para poder acelerar o desenvolvimento dessas vítimas do racismo. É isso que se chama ação afirmativa, nos campos concretos onde se manifesta a discriminação. No campo da educação, do lazer, da cultura da política, no mercado de trabalho, precisava-se leis que pudessem ajudar essas populações vítimas para poder ascender, senão não adianta vocês fazerem as leis, dizendo: olha, acabou o racismo, somos todos iguais pelas leis; não resolve nada (MUNANGA, apud SISS, 2011, p.32).

A Lei 10.639/03 foi fruto de muitas lutas e não algo que surgiu do nada para resolver a questão negra, mas sim fruto de lutas e de resistência desta população com seus movimentos negros. Segundo Cunha Jr:

Os movimentos negros insistiram por mais de um século para que se realizasse a devida incorporação das histórias e das culturas de africanos e dos afro-descendentes ao ensino da história geral da humanidade e á história do Brasil, sem contudo logramos sucesso até o ano de 2003. Os movimentos negros persistem na necessidade e no direito de pelo menos as populações afro-descendentes terem estes conhecimentos históricos e culturais expressos na educação nacional (2005, p.251).

Gomes (2006) chama a atenção para que se tome cuidado, para que não se acredite em uma relação de causa e efeito entre o preceito legal e a realidade social e educacional. Para a autora, por mais que uma Lei possa ser avançada, ela não modifica a realidade por si mesma. Ela é apenas uma garantia legal, mas que não tem poder para resolver questões de sociedade, pois segundo ela, é na dinâmica social, no embate político, nas relações de poder, no cotidiano da escola e do currículo escolar que ela tende a ser concretizada ou não.

A autora entende ainda que a relação entre educação e sociedade é um processo

extremamente complexo, conflituoso, contraditório e é marcado pela desigualdade social e racial. Para que o conteúdo da lei 10.639/2003 se efetive, será necessário que a igualdade social e o respeito as diferenças se transformem em praticas efetivas, em mudanças visíveis, e numa postura ética moral e profissional dos educadores de todo e qualquer pertencimento étnico – racial (GOMES, 2006. p. 33).

Assim como alguns pesquisadores da área da educação, penso que a escola é, ou deveria ser um espaço plural de encontros, de diálogos entre pessoas e culturas. “A escola proporciona um espaço e um tempo de encontros, de desenvolvimento de interculturalidade, de tensões sociais e culturais, mas também, sempre, de oportunidade de completude da identidade” (VIEIRA, 2011, p.35).

Essas tensões sociais são possíveis e reais quando há o encontro entre as culturas, e fica evidenciada a diferença entre ambas. Esta diferença tornar-se-á benéfica para a construção de identidades positivas entre todos os envolvidos, se esta diferença for respeitada e estimulada. Não no sentido de dissipar a diferença ou fingir que somos todos iguais, mas para que haja o respeito entre os diferentes. O espaço escolar deve ser encarado como sendo o espaço da negociação, da tolerância e também como o espaço do conflito e da disputa. Não basta apenas constatar que o Brasil é formado por várias e diferentes culturas, é fundamental que esta diferença seja problematizada no interior das escolas e das salas de aula.

Além de ser o espaço do conflito e da disputa, ela também deve ser encarada como o lugar de tensões. Estas tensões são importantes, porque a identidade se estabelece no meio do conflito e das tensões causadas entre as várias culturas diferentes. Para que isso ocorra é necessário que os agentes da educação trabalhem para problematizar os preconceitos advindos das diferenças culturais e sociais existentes. Não há como negar que existem diferenças culturais, mas elas não deveriam criar um abismo entre os vários grupos que compõem a sociedade brasileira como tem acontecido. O multiculturalismo na educação ocorrerá a partir

do momento em que houver diálogo entre as culturas. E o espaço escolar, é o lugar ideal para que este diálogo ocorra. Nesse sentido Kreutz (1998, p. 93) escreveu:

A diferença étnica está entre as divisões fortes e significativas da sociedade, juntamente com as de classe, de gênero, as comunitárias ou territoriais. A escola não é apenas um lugar a mais em que se repetem os prejuízos, as tensões étnicas. Neste sentido, ela é o lugar chave porque é essencial na produção e reprodução da cultura, elemento distintivo daquilo que entra em jogo nas relações étnicas.

A educação brasileira até aqui carrega em seu histórico o privilegiar e o valorizar a cultura europeia, colocando-a como central, em detrimento das demais culturas que compõem esta sociedade como a africana e a indígena. É muito comum ouvir em aulas de história, o professor enaltecer os feitos do continente Europeu, e principalmente na época das conquistas, enaltecendo suas habilidades marítimas, sua inteligência... Não tenho dúvidas de que este tipo de manifestações, ajudou muito para a valorização e a autoestima dos alunos brancos, por saberem que descenderam de um povo tido como superior e vencedor.

Na literatura, os alunos estudam Shakespeare, as obras de Camões, Dom Quixote de Miguel de Cervantes, mas não se estuda os literatos africanos. Como entender este fato, em um país multicultural e sabendo que boa parte da população brasileira é composta por descendentes de africanos? Isso mostra que existe uma supervalorização da cultura e da história europeia, e uma desvalorização da cultura africana.

O historiador europeu privilegiou a história do Ocidente em detrimento da história do resto do mundo, a história da Europa em detrimento da ocidental, e, ainda mais amiúde, a história nacional em detrimento da história de seus vizinhos. Sejam quais forem as razões desse etnocentrismo, ele pouco estimulou a exploração das misturas. (GRUZINSKI, 2001, p. 55).

Segundo Cunha Jr (2005), “a educação faz seleção dos temas por um critério unicamente ideológico, político, mas se ampara nas ciências para justificar as escolhas” (p.255). Ao fazer esta seleção dos temas, referindo-nos a história e a cultura africana, eles são normalmente retratados como os vencidos, aqueles que não impuseram resistência alguma quando de sua captura. Barbosa (2006) escreveu um trabalho intitulado “O personagem negro na Literatura brasileira: uma abordagem crítica”, onde ela procura mostrar, como o negro é apresentado na literatura brasileira. Ela chegou à conclusão de que os negros e mulatos são retratados com características que tiram a humanidade e a dignidade dos negros:

Portanto, o que se depreende das linhas do chamado romance urbano é que negros e mulatos são representados quase sempre com traços de animalidade, portadores de um comportamento instável e imprevisível. (2006, p. 96).

Dessa forma, ao invés de apagar ou questionar o estereótipo criado sobre o negro, a literatura ajudou ou ajuda a aumentar o abismo existente entre brancos e negros.

As obras que a autora cita em seu trabalho são aquelas consagradas na literatura brasileira e de autores renomados como Machado de Assis, Aluísio de Azevedo, e obras como *O cortiço*, *Dom Casmurro* e tantas outras.

Ainda falando sobre os conteúdos desenvolvidos nas escolas, estes conteúdos não falam, por exemplo, da habilidade do negro, de sua estrutura familiar e social, deixando sempre a entender que a África era um lugar sem organização. Esconde-se que quando o europeu chegou ao continente africano, encontrou um povo organizado, com suas línguas, religiões e tinham uma organização familiar. Socialmente eram divididos por reinos, tinham um comércio ativo e muito importante. Munanga (2009) escreve:

Quando os primeiros europeus desembarcaram na costa africana, em meados do século XV, a organização política dos Estados africanos já tinha atingido um nível de aperfeiçoamento muito alto. As monarquias eram constituídas por um conselho popular, no qual as diferentes camadas sociais eram representadas. A ordem social e moral equivalia à política. Em contrapartida, o desenvolvimento técnico, incluída a tecnologia de guerra, era menos avançada (MUNANGA, 2009, p. 23).

Esse fato descrito por Munanga (2009), leva-nos a afirmar que a África não passou a existir com a presença dos europeus, ela já existia bem antes da chegada dos europeus, e de maneira organizada. Uma organização com toda a certeza diferente que havia entre os europeus, mas havia uma organização.

Reconhecer esses fatos e ensiná-los em sala de aula ajuda muito para a construção de identidades negras positivas. Dar a possibilidade de o aluno negro poder se orgulhar de sua história, cultura e tudo que os identifica como população negra é fundamental. Mas, não é isso que é passado ou ensinado nas escolas. Neste caso, a história sempre registra o que convém ao grupo dominador. E esta forma de transmitir conteúdos tem afetado de maneira significativa a construção das identidades dos afro-brasileiros.

Segundo Hall (2006), a identidade torna-se uma celebração que não é fixa, pelo contrário, é móvel: formada e transformada continuamente em relação as formas pelas quais os sujeitos são representados ou interpelados nos sistemas culturais nos quais circulam.

As identidades são construídas pela forma como somos representados. Uma representação positiva, construirá identidades positivas. Para Hall (2006), a identidade de um grupo é fruto da representação que é feita dela através da sociedade e da cultura. Porém, uma representação negativa de alguém ou de algum grupo, construirá identidades negativas.

A identidade não se dá apenas em um único olhar, mas ela é criada também através do olhar do outro sobre nós. A representação que o outro faz de nós é de suma importância. Ela ajuda a criar a nossa identidade e nos dá a possibilidade de na interação com este “outro”, nós também criarmos a identidade do outro através do nosso olhar, e esta relação é pautada pela tensão e pelo conflito. Neste sentido a identidade é sempre construída em oposição ao outro, o diferente, ela é um processo de negociação, de troca e de conflito. Segundo Silva (2009. p 75) “A identidade não é simplesmente aquilo que se afirma ser. Ao afirmarmos nossa identidade, negamos outras identidades, que são diferentes da nossa”. E assim o autor trabalha a diferença e a identidade de maneira dependente, afirmando que a identidade depende da diferença e a diferença por sua vez depende da identidade, sendo assim inseparáveis.

Assim como Silva (2009), d’Adesky Apud Gomes (2001) afirma que nenhuma identidade é construída no isolamento. Ao contrario, é negociada durante a vida toda por meio do diálogo, parcialmente exterior, parcialmente interior, com os outros. Tanto a identidade pessoal quanto a identidade cultural são formadas em dialogo com os outros. Elas dependem de maneira vital das relações dialógicas com os outros.

Se ao longo da história da formação da nação brasileira, o negro fosse representado de maneira positiva, a realidade desta população seria diferente. Por isso, é fundamental mostrar como o negro tem sido representado nos livros de literatura brasileira, e como esta representação pode ou têm ajudado na criação de identidades novas e positivas. Neste trabalho, como já apontamos, queremos mostrar isso, por meio da obra, O Mulato.

Muitos dos livros utilizados nas salas de aula sequer mencionam a luta e a resistência dos negros, a começar lá da África, quando impuseram resistência ao serem capturados pelos portugueses, mas devido a brutal diferença entre os armamentos usados pelos portugueses, eles foram feitos cativos e trazidos para as terras brasileiras.

Mesmo depois de chegarem a estas terras, os negros continuaram sua luta e resistência e em momento algum eles se deram por vencidos. Sempre lutaram para poderem conquistar espaços negados em função do racismo, da violência e da repressão.

Os livros de literatura aclamados como clássicos da literatura brasileira ajudam ou ajudaram a criar, no imaginário dos estudantes brancos a inferioridade dos negros, e por sua vez, os alunos negros tendem a aceitar a realidade posta nestes livros como verdade, o que afeta de maneira significativa suas identidades negras. Por isso, muitas vezes falta uma identidade forte e positiva por parte da população negra brasileira.

Os conteúdos aplicados nas nossas escolas não têm contribuído para a valorização do negro brasileiro e conseqüentemente não contribuem para a construção de identidades negras positivas. Segundo Silva,

As teorias da reprodução social, por exemplo, nos mostram como a distribuição desigual de conhecimento, através do currículo e da escola, constituem mecanismos centrais do processo de educação e reprodução de desigualdade social. Perspectivas mais culturalistas, como a de Bourdieu, por exemplo, contribuíram para nos fazer compreender como as desigualdades escolares escondem fundamentais relações entre cultura e poder. (1995, p.190)

Neste sentido, acreditamos que a Lei 10.639/2003 pode contribuir para subverter as relações entre cultura e poder, ao tornar obrigatório o ensino da história africana e sua cultura nas escolas públicas do Brasil. Ela possibilita que a cultura africana até aqui relegada a segundo plano, seja discutida no interior das escolas, e os alunos tenham conhecimento da mesma. Ela pode ser usada para tornar conhecida parte da história dos descendentes de africanos neste país e assim permitir novas interpretações sobre sua história, além de permitir que os próprios negros sejam os protagonistas e autores de suas próprias histórias. A referida Lei proporciona ainda a possibilidade de releitura dos clássicos da literatura brasileira, construindo um novo olhar sobre eles.

Neste sentido, reconhecemos que a educação é uma ferramenta potente e muito importante para a formação cultural e social de todos os grupos sociais. Mas isso depende muito da maneira como se dá o processo educativo e das relações de poder, e de como a diferença é problematizada no interior das escolas, pois ela poderá contribuir para uma sociedade excludente, e por isso monocultural, ou incluyente e multicultural. Gomes (2003) afirma que:

A escola é vista aqui, como uma instituição em que aprendemos e compartilhamos não só conteúdos e saberes escolares, mas, também, valores, crenças e hábitos, assim como preconceitos raciais, de gênero, de classe e de idade (p. 17).

Ou seja, a escola é também um lugar de transmissão da cultura, e quando esta escola elege uma cultura como superior e a difunde relegando as outras culturas para segundo plano, ela está ajudando a criar os preconceitos, as desigualdades e os estereótipos que devem ser combatidos.

Foi exatamente este aspecto negativo que a escola reforçou durante muito tempo no Brasil. Ela serviu para a criação, propagação e a manutenção de vários preconceitos contra os negros. Mas acreditamos que ela também possa servir para ajudar a aplacar, ou quem sabe acabar com os preconceitos, e favorecer a construção de identidades negras que dignifiquem o negro.

Apostamos também que as obras de literatura, se devidamente trabalhadas, podem contribuir nesse processo. E neste sentido os professores e professoras têm muito a contribuir para que a escola cumpra com o seu papel de educadores para a desconstrução de estereótipos e preconceitos. Costa (2007, p. 91) escrevendo sobre a importância da tarefa do professor disse:

Professoras e professores que se preocupam com a concretização de uma sociedade menos injusta e excludente precisam pensar urgente e seriamente sobre a política cultural. Todas e todos nós estamos envolvidos e implicados em uma grande batalha cultural pela significação, pela identidade. Estou convencida de que da efetividade de nossa participação dependerá, em alguma proporção, quem terá o direito de falar, onde e como, no próximo milênio.

Muitos textos e pesquisas já foram realizadas para analisar como o negro é descrito nos livros didáticos. Cito aqui o artigo de Lima (2005) intitulado “Personagens Negros: Um Breve Perfil na Literatura Infanto-Juvenil”. Nele, a autora faz o levantamento de algumas gravuras de negros no interior de alguns livros didáticos. Segundo a autora, os livros mostram que os negros aparecem sempre em situação de inferioridade diante do homem branco.

Estes preconceitos não têm necessariamente sua origem no interior das escolas, mas a escola ajuda a difundi-los, e é na escola onde estes preconceitos atingem uma função avassaladora, destruindo as identidades do negro, dificultando assim a construção de identidades negras positivas.

Nesse sentido, urge

Construir práticas efetivas e democráticas que transformem a trajetória escolar dos nossos alunos e alunas negros e brancos em uma oportunidade

impar de vivência, aprendizado, reconhecimento, respeito às diferenças e construção de autonomia. (GOMES, 2006, p.25).

A autora, ainda falando sobre a transformação que a escola e os educadores deveriam proporcionar aos alunos diz que

Nossos alunos e alunas, ao passarem pela educação básica, precisam vivenciar práticas pedagógicas que lhes possibilitem ampliar o seu universo sociocultural, rever e superar preconceitos, eliminar toda e qualquer forma ou comportamento discriminatório em relação ao outro. Uma tarefa difícil? Sim, sem dúvida. Porém, essa é a tarefa de todo e qualquer educador, tanto na escola pública quanto na escola privada. Não há como ser educador sem assumir essa postura política, ética e pedagógica. (GOMES, 2006 p.26).

Um dos problemas cruciais para que a educação brasileira supere e tenha uma educação multicultural apontado por Candau (2011), é o mito da democracia racial brasileira. Para a autora, o Brasil tem insistido nos últimos anos, na crítica ao mito da democracia racial, que traz como ideia de que o Brasil é o país onde as diferentes culturas, e os diferentes grupos socioculturais interagem de maneira livre e igualitária.

A insistência nesta falsa democracia racial, também assinalado por Munanga (2003), tem prejudicado o Brasil a questionar o racismo. Candau (2011), explicitando a não existência de uma democracia racial afirma que:

A história brasileira está marcada pelo genocídio dos indígenas, pela escravização dos negros e pela inferiorização dos grupos socioculturais considerados “diferentes”, quer dizer, que não entram dentro dessa visão ocidental, branca, racionalista da sociedade e da cultura. (p. 280)

Mas, assim como a escola ajudou a difundir e a propagar os preconceitos e estereótipos contra os negros, ela também pode ser usada para a transformação desta cultura que subalterniza conhecimentos, que escraviza mentes. Ela poderá servir de ferramenta chave para desconstruir as antigas culturas e construir novas culturas que respeitem as diferenças e assim produzam positivas identidades negras. Acreditamos que a literatura pode ser usada como uma ferramenta de desconstrução dos processos de subalternização e do racismo.

1.3 CONSTRUINDO NOVAS E POSITIVAS IDENTIDADES NEGRAS

Penso que para falarmos deste tema, seja necessário uma viagem ao passado da história brasileira para podermos entender o título deste subitem, construindo novas e positivas identidades. Por quê a necessidade da construção de novas identidades negras no Brasil? Por quê é necessário reconstruir a identidade negra?

Para isso, faz-se necessário, resgatar primeiramente a origem dos negros brasileiros, isto é, descrever de onde vieram e como chegaram a ser o que são hoje. Percorrer essa trajetória histórica é importante para a construção das identidades:

Em qualquer sociedade, a construção da diversidade assume contornos diferentes de acordo com o processo histórico, relações de poder, imaginários, práticas de inclusão e exclusão que incidem sobre os diferentes sujeitos e grupos. Nesse sentido, é preciso compreender os processos históricos e culturais singulares vividos por esses grupos no contexto das desigualdades e como esses nem sempre são considerados quando lutamos pela construção da democracia. (GOMES, 2003, p.70)

Se há a necessidade de reconstruir, resignificar as identidades negras, é porque as bases onde estas identidades estão ancoradas são fortes, e por isso foram capazes de produzir discursos sólidos que subalternizaram os negros por longos anos, cujos efeitos desta subalternização continuam até o presente momento. Daí a necessidade da construção de novas identidades ou da ressignificação delas: “[...] as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado” (HALL, 2004b, p. 7).

O negro brasileiro sempre travou uma luta para ter seus direitos como ser humano reconhecidos, e também o reconhecimento de sua cultura, de sua história, para poder ter sua identidade fortalecida. O respeito à história de alguém ou de uma etnia, contribui muito para o fortalecimento deste alguém ou desta etnia ou grupo social.

O que se viu ao longo dos tempos, foi a tentativa de esvaziar a história e a cultura negra no Brasil, e esta tentativa se deu de diversas maneiras e formas. A começar pela forma como o negro foi trazido para o Brasil, passando pelas condições de vida que encontraram aqui, e culminando pela tentativa de branqueamento e a criação de estereótipos contra o negro no Brasil.

Tudo isso contribuiu para o enfraquecimento e a fixação da identidade da pessoa negra no Brasil. Apesar de tudo isso, o negro no Brasil, sempre lutou para ver sua história e sua cultura reconhecida.

A luta do negro brasileiro para a construção de sua identidade começou desde o momento em que foi tirado da África para outras localidades. Segundo nos conta a história, o negro brasileiro é oriundo do continente africano, de onde foi tirado e levado para outras partes do mundo, inclusive o Brasil.

Os europeus estavam em busca de pessoas que obedecessem as suas ordens sem mesmo questionar. A primeira tentativa foi a escravização do índio, mas por diversas razões, esta ideia não deu certo. Como os portugueses já conheciam o trabalho desenvolvido pelos negros em terras africanas, resolveram trazê-los para o Brasil, colocando-os a viver em condições de humilhação, sem dignidade.

Por todos estes fatores descritos acima, foi que em 1570 forçou-se a vinda de africanos. Estes entraram no Brasil não como trabalhadores com direitos, mas como escravos, sem direito nem mesmo de suas próprias vidas.

No entanto, o que pouco é difundido, é que esse negro transformado em escravo no Brasil e em outras localidades tinha sua própria identidade, tinha sua organização social, sua religião, e tudo isso foi ignorado pelos colonizadores europeus. Os negros foram transportados em navios sem a mínima condição para transportar pessoas, e muitos deles perderam suas vidas antes mesmo de chegarem ao Brasil.

O negro na África era um ser livre, a ponto de fugirem dos soldados europeus, provocando conflitos armados. Em Angola, por exemplo, existiu a chamada guerra de Kwata-Kwata, que pode ser traduzida como “pega-pega”. Nestas guerras, os capatazes e soldados europeus, corriam e caçavam os negros angolanos, com a finalidade de transformá-los em escravos em suas novas terras e plantações de café.

Os negros, não satisfeitos com a situação imposta pelos colonizadores, impuseram resistência ao longo da história, antes mesmo de saírem de suas terras sempre lutaram para não serem escravizados em outros lugares. Não havia satisfação por parte dos negros em serem escravizados, pois eles na África tinham suas identidades e por isso lutavam pela manutenção de suas identidades e tinham dignidade, que lhes foi tirada quando da saída de suas terras para outras terras. Mesmo chegando ao Brasil, sempre mostraram seu descontentamento com a situação a que eram submetidos. A formação dos quilombos tanto na África, como no Brasil, representa a resistência dos negros contra a escravidão:

As péssimas condições de vida a que eram submetidos e os maus tratos constantes levaram os escravos a reagir, burlando a violência e fugindo, em geral, para zonas limítrofes de Angola, onde eram recebidos por chefias tradicionais autônomas. Não poucas vezes, sobretudo no sul de Angola, estabeleciam-se em locais isolados, os quilombos ou mutolos, organizações com autoridades hierárquicas. (HERNANDEZ, 2008, p. 566).

Sempre houve resistência por parte dos negros contra a escravização de seu povo. Ela foi muito contundente, mas a brutalidade e a violência do colonizador sempre tentou inibir essa resistência.

O negro era considerado racialmente inferior e por isso, segundo a filosofia que regia o mundo da época, ele poderia ser escravizado. E para tal, alguns discursos religiosos foram utilizados para justificar a escravidão negra no Brasil.

O padre Antônio Vieira, em um sermão para a festa da Irmandade do Rosário dos Pretos num engenho do recôncavo baiano com o título de: Sermão Vinte- e- Sete do Rosário à Irmandade dos Pretos em um Engenho, em uma data posterior a 1682, dizia o seguinte para defender a escravidão do negro no Brasil:

O desígnio escondido de Deus Pai foi a transmigração Babilônica da África à América. Assim como ela foi benéfica aos hebreus, assim também aos negros, pois a fé lhes chegou por vias do cativo, assim como a segunda transmigração que é a da terra à liberdade eterna do paraíso, sob a proteção da virgem Maria. O cativo do negro na América não é se não um “meio – cativo”, pois ele só atinge o corpo. Mas a alma não está mais cativa, ela se libertou do poder do diabo que governa a África e o escravo no Brasil deve tentar preservar essa liberdade da alma, para não cair de novo sob o domínio dos poderes que reinam na África (VIEIRA, apud SANTOS e JESUS, 2009, p. 28)

O cativo que os africanos estavam passando era necessário segundo a Igreja, para a libertação da alma, justificando a escravidão exercida pelos senhores de escravos. A escravidão na visão da Igreja, significava um grande favor aos africanos, pois tirava-os da África, lugar do pecado, para o Brasil, um lugar cristão.

Com estes discursos, percebemos como o negro era visto. Além de ser tratado como escravo, além de ter sido tirado de suas terras de maneira desumana, ele precisava ser grato aos europeus porque foram tirados do inferno que é o continente africano. Esse tipo de discurso rompeu a barreira do tempo e chegou até ao século XX e XXI, e o sujeito negro sempre sentiu essa diferença de tratamento em sua própria identidade.

Em 1888 surge o Decreto que punha fim a escravidão negra no Brasil. Mas isso não significou o fim para os africanos e seus descendentes da discriminação e da injustiça, mas sim o começo ou a continuação de suas lutas por melhores condições de vida e de dignidade. Apesar do fim legal da escravidão, os negros continuaram a sofrer humilhações e vários tipos de imagens e de estereótipos negativos foram criados que nos acompanham até ao presente momento. Acabou a escravidão física, mas permaneceu a escravidão mental e moral contra este grupo da sociedade brasileira. Mental, fazendo-os crer que realmente eram inferiores aos brancos e que tudo neles era inferior. Segundo Gomes (2013)

Essa situação é tão séria que a base multidimensional da percepção de condição racial sugere a possibilidade de que um indivíduo que tenha experimentado algum tipo de ascensão social e se classificado como preto ou pardo em algum momento da sua vida como, por exemplo, no censo demográfico, possa identificar-se como pardo ou branco, posteriormente.(p. 4).

Segundo a autora, muitos negros brasileiros aceitaram esta condição e não mais querem ser identificados como negros, dificultando a luta contra os processos discriminatórios.

Uma análise crítica sobre a situação atual nos leva a entender que não se deve atribuir as mazelas hoje vividas pelos negros brasileiros somente à colonização. Ela sozinha não produziu a situação atual que o negro vive, mas sem, ela também não é possível explicá-la. Devemos questionar os diversos processos que esta população sofreu ao longo da história. Na realidade, a abolição da escravidão, tornou os negros iguais aos brancos perante a lei, mas, não acabou com os maus-tratos e humilhações, que eram obrigados a viver ainda sob a dependência de um homem branco como trabalhador deste, para conseguir sobreviver.

O Brasil teve de lidar depois da abolição com o “problema” posto pelos escravos e descendentes de africanos. A solução adotada pela nação para este “problema” fornece a chave para o entendimento das relações raciais no Brasil Republicano. Esta solução não implicou um sistema de segregação racial semelhante ao dos Estados Unidos, mas o branqueamento e a integração simbólica dos brasileiros não brancos através da ideia da democracia racial (HASENBALG,2000, p. 2).

Logo após a abolição da escravidão, os negros continuaram a representar um problema, e como todo problema precisava encontrar-se uma solução. Uma das “soluções”

encontradas foi a ideologia do branqueamento, incentivando a vinda de imigrantes europeus para branquear o Brasil. Esses brancos, segundo as teorias da mestiçagem da época, ao se misturarem com os negros, fariam desaparecer os negros. Outra “solução” encontrada foi a que durante muito tempo foi chamada de democracia racial, que consistia em negar a existência de conflitos raciais, negando ou invisibilizando os outros que neste caso, eram os negros. Com isso, fazia-se parecer que o Brasil sabia conviver com as diferenças raciais e que estava tudo bem, que o negro estava feliz com o lugar que ocupava na sociedade e o branco também e todos conviviam sem problemas. Moura (1994) falando sobre a democracia racial escreveu o seguinte:

O racismo brasileiro na sua estratégia e nas suas táticas age sem demonstrar a sua rigidez, não aparece á luz, é ambíguo, meloso, pegajoso mas altamente eficiente nos seus objetivos. Não podemos ter democracia racial em um país onde não se tem plena e completa democracia social, política, econômica, social e cultural. Um país que tem na sua estrutura social vestígios do sistema escravista, com concentração fundiária e de rendas maiores do mundo (...) um país no qual a concentração de rendas exclui total ou parcialmente 80% da sua população da possibilidade de usufruir um padrão de vida decente; que tem trinta milhões de menores abandonados, carentes ou criminalizados não pode ser uma democracia racial (p. 160).

O mito da democracia racial foi um retrocesso para o Brasil socialmente falando e principalmente na educação do país e para os negros. Para Munanga (2003):

No Brasil o mito da democracia racial bloqueou durante muitos anos o debate nacional sobre as políticas de “ação afirmativa” e paralelamente o mito do sincretismo cultural ou da cultura mestiça (nacional) atrasou também o debate nacional sobre a implantação do multiculturalismo no sistema educacional brasileiro. (p.11).

Sob a alegação de igualdade racial e igualdade de condições, o negro foi sendo silenciado. Segundo Gomes (2006),

O discurso da igualdade que é produzida na sociedade e, por conseguinte, na escola, possui diferentes interpretações ideológicas. Por isso é prudente questionar: de que igualdade estamos falando? Igualdade de direitos? É uma igualdade do ponto de vista do religioso (somos todos iguais perante Deus?) é a igualdade sendo usada como sinônimo de homogeneidade (...) Ao falarmos de igualdade estamos considerando a diversidade? (p.29)

O mito da democracia racial, ao afirmar esta igualdade, ignorava a diversidade cultural do Brasil. Essa igualdade que era difundida tinha como objetivo principal a tentativa de acabar com a diversidade racial e cultural que o Brasil apresenta. Argumentava-se que todos eram livres, portanto, poderiam ascender socialmente.

Um dos grandes pilares de uma identidade fortalecida é a liberdade. Não temos como ostentar uma identidade sem que se tenha o mínimo de liberdade para definir os caminhos a seguir. O negro carece de liberdade para ser e viver como negro, porque quase tudo que o identifica como negro foi folclorizado, estereotipado e tido como exótico. Fizeram isso com o cabelo do negro que deixou de ser diferente para ser ruim, com a pele negra que virou sinônimo de inferioridade e com a sua história e cultura. Gomes (2003), afirma que:

O cabelo negro, visto como “ruim”, é expressão do racismo e da desigualdade racial que recai sobre esse sujeito. Ver o cabelo do negro como “ruim” e do branco como “bom” expressa um conflito. Por isso mudar o cabelo pode significar a tentativa do negro de sair do lugar da inferioridade ou a introjeção deste. Pode ainda representar um sentimento de autonomia, expresso nas formas ousadas e criativas de se usar o cabelo. (p.3)

Gomes (2003), ainda afirma que sobre o cabelo e o corpo negro foi criada uma dualidade: enquanto para o negro o cabelo não deixa de ser uma forte marca identitária em algumas situações continua sendo visto como marca de inferioridade.

Lembramos que o negro brasileiro possui identidades. O que talvez se pode dizer é que esta identidade não tenha sido apenas fruto de negociação do negro para com a sua cultura, mas também fruto de uma imposição exercida sobre este grupo. Ao longo destes anos construíram-se algumas identidades para os negros. Digo, construíram-se, porque não foram somente os negros que as construíram, mas sim os detentores do poder tiveram muita força para imporem seus significados como os únicos válidos. Brand (2011) em seu artigo intitulado “A emergência da diferença na história”, afirma que o colonizador, ao desconhecer a identidade dos povos colonizados, vistos como o “outro” classificaram-no produzindo sobre eles a identidade que eles queriam a partir de sua posição de poder. Desta forma, os negros, índios e outros grupos minoritários, não tiveram o direito de falar de si mesmo e nem de escrever sobre sua própria história. Esse direito coube a outros.

É importante também reiterar que os negros na África antes da entrada do colonizador em suas terras, tinham sua própria cultura, religião e suas próprias línguas. Muito de tudo isso persiste até aos dias de hoje. Além de serem elementos essenciais para a afirmação de um

determinado grupo social, a língua e a religião são fundamentais para a formação ou ajudam a formar uma identidade cultural. Munanga (2003, p. 12) definindo etnia escreveu:

Uma etnia é um conjunto de indivíduos que, historicamente ou mitologicamente, têm um ancestral comum; têm uma língua em comum, uma mesma religião ou cosmovisão; uma mesma cultura e moram geograficamente num mesmo território.

Tendo como base a escrita de Munanga (2003), podemos afirmar que os negros na África faziam parte de uma cultura, já que tinham suas crenças, seus costumes e suas próprias línguas. Mas isso lhes foi negado tão logo chegaram ao Brasil. Sua língua, sua religião e o que os identificava, foi transformado em exótico. As centenas de negros oriundos de diversos lugares da África foram separados, dificultando assim sua organização social, a propagação da língua e outras manifestações culturais deste povo. Mas apesar de todas estas manobras, o negro manteve suas tradições, não mais originais como outrora quando saíram cada um de seu próprio país. Elas transformaram-se, ressignificaram-se, tomaram novas formas e transformaram-se em outras manifestações culturais de identidades que influenciaram a cultura do europeu e do índio e que também sofreu influências destes dois grupos que presenciamos até os nossos dias.

Durante anos, além dos discursos religiosos, a população negra foi alvo de vários outros discursos contra sua cultura, seus hábitos e o que os identificava como grupo cultural. Por causa dos diversos discursos usados para a legitimação da escravidão negra no Brasil e a criação de inúmeros preconceitos e estereótipos que marginalizaram as identidades negras é que se faz urgente e necessária, a ideia de construção de novas e positivas identidades para os negros brasileiros.

Ao longo da história da formação do povo brasileiro, variados discursos foram utilizados para subjugar o negro neste país, em diversas áreas do saber. Discursos esses, que ajudaram a criar a imagem que se tem dos negros hoje.

Outros discursos foram sendo criados para a manutenção do estereótipo da pessoa negra. Os estereótipos estão profundamente ligados ao racismo e ao preconceito. Como afirma Fleuri:

O racismo, sendo ideologia, busca legitimar estereótipos e preconceitos. Estereótipo indica um modelo rígido a partir do qual se interpreta o comportamento de um sujeito social, sem se considerar o seu contexto e a

sua intencionalidade. O estereotipo representa uma imagem mental simplificadora de determinadas categorias sociais. (FLEURI, 2006, p.498)

Além de alguns discursos religiosos que ajudaram a criar e a manter o mito da superioridade da raça branca sobre as demais, a ciência também contribuiu com discursos semelhantes que hostilizaram os negros. O conceito de raça, por exemplo, sofreu diversas mudanças ao longo da história. Inicialmente, este conceito foi usado apenas para classificar as diversas raças existentes e esta classificação nada tinha haver com a cor da pele. Segundo Munanga (2003) os estudiosos dos campos da biologia molecular, bioquímica e genética humana, chegaram à conclusão de que raça não é uma realidade biológica, mas sim um conceito científico inoperante, apenas para explicar a diversidade humana e para dividi-la em raças estanques. Isso quer dizer que para a biologia e para a ciência atual, as raças não existem.

Mas, apesar de cientificamente e biologicamente não existirem raças, não quer dizer que todos os seres humanos sejam idênticos. A negação da raça neste sentido não invalida a existência da diferença entre os seres humanos, até porque segundo a biologia e a genética, os patrimônios genéticos são diferentes, mas estas diferenças não são suficientes para classificá-las em raças. Principalmente, as raças continuam existindo, porque elas são uma produção cultural e histórica.

Ainda segundo Munanga (2003), ao longo de muitos séculos classificar o ser humano não foi um problema. O problema começa a existir, quando os cientistas no século XIX se deram o direito de classificar o ser humano através das hierarquias. Os cientistas começam a utilizar as diferenças biológicas existentes como cor de pele, cor dos olhos e cabelos e as associam à qualidades psicológicas, morais, intelectuais e culturais. Nesta classificação, os cientistas decretaram a superioridade dos indivíduos da raça branca sobre os amarelos e sobre os negros.

Estes discursos teológicos e científicos continuam atuantes até o presente século, e circulam hoje nas escolas, classificando as raças entre melhores e piores, as culturas entre melhores e piores. Até em nossos dias as características negras como o cabelo, o tamanho do nariz, além da cor da pele, são vistas como coisas ruins, enquanto que aquilo que descreve o branco, tem *status* de algo melhor. Como afirma Munanga (2009, p. 27): “toda e qualquer diferença entre colonizador e colonizado foi interpretada em termos de superioridade e inferioridade. Tratava-se de um discurso monopolista, da razão, da virtude, da verdade, do ser, etc.”

O processo histórico do negro tirado da África para as terras brasileiras foi um processo que humilhou, congelou, classificou, fragilizou a cultura e o ser africano, de modo que faz-se necessário e urgente, a ressignificação da cultura e da identidade dos afrodescendentes.

Por isso, acredito que precisamos de identidades novas (positivas), que se dispam destas ditas verdades criadas contra o negro e produzam-se outras. Outros discursos que construam identidades negras positivas.

Segundo Hall (2006) a identidade não é formada biologicamente como a ciência no passado acreditou ser, e muitas vezes ainda se têm falado hoje. Ela é definida através da história e da cultura. É no conhecimento do que os nossos antepassados fizeram e foram, que nós seremos reconhecidos ou não. Neste sentido, faz-se urgente e necessário a ressignificação do negro e de sua cultura, pois o negro no Brasil foi e ainda é representado negativamente, na maioria das vezes como alguém em quem não se pode confiar. Nas telenovelas são representados como empregadas domésticas, com baixa capacidade intelectual. Infelizmente esta é a maneira como o negro tem sido representado. Não é intenção minha tirar a dignidade do trabalho feito pelas mulheres e homens, chamados/as de domésticas, mas apenas refletir sobre a constância desta representação nas novelas: mulheres negras domésticas, motoristas ou bandidos representados por homens negros. Entendo que estas representações acabam passando a mensagem de que este trabalho é próprio para os afro-descendentes.

Uma das formas de se criar uma identidade cultural é a valorização da cultura de um grupo, nação ou país. Chimamada Adich (2013) diz que se nós quisermos acabar com uma cultura ou identidade, é contar sobre ela apenas uma única história. Nesse sentido cabe enfatizar que historicamente os negros sempre foram representados apenas pela história da escravidão. Suas histórias foram contadas pela visão do colonizador.

Hall (2006) faz uma análise sobre a identidade cultural. O argumento do autor é que as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado. Neste sentido a chamada “crise de identidade” é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social. Isso abre a possibilidade para construir outras identidades, no nosso caso, identidades negras positivas.

Para tanto, é importante conhecer a própria cultura, pois isso nos ajuda a conhecer e a respeitar as diferenças existentes e a valorizar o outro, reconhecendo-se nem como superior ou inferior, mas como alguém igual na condição humana.

Segundo Moreira (2009) “abordar as diferenças não pode contribuir para isolar grupos, para criar guetos, para aumentar na sociedade, a fragmentação que se pretende neutralizar” (2009, p.53).

Depois de anos de humilhação e de discursos que não dignificaram a pessoa negra no Brasil, acreditamos que é chegado a hora de se questionar mais enfaticamente a hegemonia da cultura branca, de forma que este questionamento possibilite o surgimento de novas culturas, e destas construa-se novas identidades para os negros, onde passarão a ser olhados não como objetos que podem ser vendidos ou como alguém que não nos acrescenta nada, mas sim, tecer sobre eles o olhar da igualdade e do respeito.

A educação é o melhor caminho para esta desconstrução. Como vimos, durante anos criou-se vários discursos que tentaram diminuir o negro, e vemos que esses discursos criaram o negro subalternizado. Por causa de tais discursos, criou-se a imagem que se tem do negro hoje como preguiçoso, marginal, insolente, incapaz e tantos outros adjetivos negativos possíveis para comprometer sua dignidade. Como destaca Munanga:

Na simbologia de cores da civilização europeia, a cor preta representa uma mancha moral e física, a morte e a corrupção, enquanto a branca remete à vida e à pureza. Nessa ordem de ideias, a Igreja Católica fez do preto a representação do pecado e da maldição divina (MUNANGA, 2009, p. 29).

É o momento de se apostar na educação para se criar outros discursos que possam quebrar e ressignificar os discursos anteriores, ou ao menos, frear a produção de tais discursos. Os discursos são práticas sociais e através deles construímos representações específicas dos acontecimentos, das relações sociais e de nós mesmos (ROJO, 2004, p.207).

Segundo Santos,

O discurso tem essa incrível plasticidade de se fazer carne, de se dobrar e formar a prega, o forro, o exterior que se torna nós e constitui o que somos – uma singularidade cunhada pelo discurso. Processo de subjetivação que constrói o real, sempre como um produto das representações que o constituíram e que, em articulação constante continua a constituí-lo (SANTOS, 1997, p. 85).

Mesmo depois de tanta resistência durante e após o regime de escravidão e tendo passado pelo mito da democracia racial, podemos dizer que todas estas tentativas mesmo não tendo concretizado suas intenções, o negro não passou por elas de maneira pura, ou melhor, não saiu dela da mesma maneira como entrou. Sua identidade africana foi atravessada e resignificada de maneira negativa, pelo contato que teve com o colonizador europeu. Assim como ele influenciou com sua cultura trazida da África em diversas áreas da sociedade brasileira, também sofreu influência. Mais do que ter influenciado, o afro-descendente carrega marcas desta história fatídica. Carrega as marcas da humilhação e do descrédito. Mas talvez de todas as marcas que sofreu, a pior delas, tenha sido a interiorização da inferioridade que muitos negros assumiram, fruto dos vários discursos, contra a sua cultura e história. Por isso, a necessidade de novas identidades.

A educação brasileira precisa dar voz aos povos até aqui subjugados. É tempo de se entender que estamos em um país multicultural, e que cada cultura a seu modo é extremamente importante para o desenvolvimento do país, e acreditar que todas as culturas a seu modo têm algo a nos ensinar.

Reiteramos que a Lei 10.639/2003 que tornou obrigatório no país o ensino da cultura, história e literatura africana nas escolas, foi uma grande conquista para os afro-brasileiros, que durante muitos anos têm visto sua cultura sendo tratada como inferior.

Sempre é bom salientar que esta Lei não foi um favor dado aos negros pelos seus muitos anos de contribuição em prol da cultura brasileira, mas sim uma conquista, fruto de muitos anos de luta e resistência do povo negro no Brasil, conquista esta que veio através de seus movimentos negros, lutando contra as humilhações a que o povo afro-brasileiro foi exposto.

Mas o respeito à diferença e a construção de identidades positivas em um país como o Brasil, não pode se dar apenas através de leis. O respeitar o outro não deve se resumir apenas por causa do cumprimento de leis, mas é algo que precisa estar introjetado em cada cidadão. Sobre isso escreveu bem Munanga (2003, p. 2010) dizendo:

Num país democrático e de direitos são importantes os avanços legais, porque as leis funcionam como um grande guarda-chuva protetor de todos os nossos direitos enquanto cidadãos e cidadãs. Mas as leis sozinhas não são suficientes para resolver todos os problemas de uma sociedade. Temos de ir além delas para conjugar a igualdade formal com a igualdade material.

Entendo aqui o ir além delas retratado por Munanga (2003) como uma renovação dos valores dos cidadãos deste país. Que ao olharmos para as diferenças culturais e físicas existentes entre as pessoas não as olhemos como elementos para a discriminação, para punir ou para subalternizar os outros, mas, como elementos que nos ajudem a estabelecer nossas identidades, isto é, a entender quem nós somos.

Em qualquer sociedade, a construção da diversidade em um estado democrático, multicultural, onde as culturas não são respeitadas, faz-se necessário a força da lei para garantir os direitos dos silenciados. Segundo Gomes (2011),

Se entendemos que conhecer a nossa história e herança africana, faz parte do processo de formação dos sujeitos sociais e se reconhecemos que uma parte significativa da nossa formação histórica e cultural referente à África e à cultura afro-brasileira não tem sido trabalhada, a contento pela escola, só podemos confirmar a importância da inclusão dessa discussão no currículo escolar, mesmo que seja por forma da lei. (p.71).

Os mais de 300 anos de escravidão a que o negro foi submetido em terras brasileiras deixaram marcas profundas no inconsciente da população brasileira, tratando o negro como um ser inferior aos demais e fazendo parte da camada baixa da pirâmide populacional brasileira. Na maioria das pesquisas sociais realizadas no Brasil, os negros sempre ocupam os lugares inferiores. Gorender (2000), retratou esta realidade do negro brasileiro em seu livro “O Brasil em preto & branco:

Não há dúvida de que o quadro da desigualdade socioeconômica atual, reproduz em termos ampliados e contemporâneos, a desigualdade característica da sociedade escravocrata. A sociedade capitalista herdou, por assim dizer, o DNA da escravidão e não logrou se desvencilhar dessa herança. Os negros deixaram de ser escravos, porém assumiram, em grande parte, a condição de pobres e de indigentes. A eles se juntou uma parcela da população branca para compor a base da nossa pirâmide social. (p. 88).

A realidade descrita por Gorender (2000), mostra claramente que se faz necessário a construção de novas identidades para a população negra no Brasil. A construção de uma identidade se dá pela forma como somos representados, independentemente da identidade que se quer construir, se branca, negra indígena ou outra qualquer. Se durante muito tempo alguns cientistas propagaram a classificação das raças, afirmando que a raça branca é superior e as demais raças são inferiores, e por isso deveriam ser escravizados, mais do que um discurso científico, foi uma representação construída pela cultura racista que se utilizou da

ciência para adquirir status de verdade. Desconstruir essas representações e construir outras é o grande desafio de uma educação antirracista, e a literatura pode ajudar na construção deste processo.

A educação brasileira é racista e precisa deixar de sê-la, para o bem da população negra deste país.

Uma pesquisa realizada pela fundação Instituto de Pesquisas Econômicas da Universidade de São Paulo, apontou que os índices de preconceito e discriminação estão presentes em todos os âmbitos educacionais. A pesquisa, foi publicada em 2009 e realizada em 500 escolas brasileiras, entrevistou pais e professores, gestores e estudantes. Além disso, foi constatado na análise e na comparação dos dados que, quanto maiores eram os índices de preconceito e discriminação, menores eram as médias de aproveitamento dos estudantes (CANDAUI, 2011, p.281).

Gomes (2006) citando Skliar (1997), afirma que a aceitação da diferença humana é um dos caminhos para a construção de um verdadeiro processo educativo. Ainda segundo Gomes (2006), “[...] a atuação pedagógica deve considerar que aqueles que participam do processo educativo se diferenciam quanto às formas de aprender, às trajetórias de vida, ao sexo, à classe, à idade à raça à cultura, às crenças etc.” (p. 30). Nesse sentido, conforme argumentamos, a literatura pode dar uma contribuição significativa.

2. REPRESENTAÇÕES DE NEGROS PRODUZIDAS POR ALUNOS, MEDIADAS PELA LEITURA DA OBRA “O MULATO”

2.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Desenvolver uma pesquisa não é uma atividade descolada da identidade do pesquisador. Neste sentido, apresento o caminhar da minha pesquisa. Trago as incertezas, frustrações, angústias e alegrias. Trago também parte da minha trajetória de vida, já que ela é também constitutiva desta investigação.

O desejo de trabalhar sobre a temática da literatura e da identidade, surgiu ainda, quando da minha graduação no Curso de Letras, ao deparar-me com a dificuldade de fazer a monografia sobre a literatura africana, analisando a obra “Parábola do Cágado Velho” do escritor angolano Pepetela. Neste sentido, lembro Bujes (2002), quando escreve:

[...] a pesquisa nasce sempre de uma preocupação com alguma questão, ela provém, quase sempre, de uma insatisfação com respostas que já temos, com explicações das quais passamos a duvidar, com desconfortos mais ou menos profundos em relação a crenças que, em algum momento, julgamos inabaláveis. Ela se constitui na inquietação. (BUJES, 2002, p. 14).

Quis trabalhar este tema pelo ineditismo do trabalho na instituição em que estudei. Também por perceber que ao longo dos quatro anos de graduação não ouvi uma menção sequer de uma obra de autor africano. Nem pelo menos ouvi falar o nome de um desses escritores sendo citado pelos professores ou colegas de turma, o que para mim provou que esta literatura na visão daqueles professores e daquela instituição não tinha relevância, não merecia ser estudada. Ao escolher a orientadora para me acompanhar naquela jornada, percebi que ninguém poderia me ajudar porque todos eles afirmavam desconhecer totalmente a

literatura africana e por isso não poderiam me ajudar. Como negro e como africano, senti-me frustrado.

A pergunta que sempre me fiz: Se “podemos estudar sobre a literatura espanhola, portuguesa e inglesa, porque não estudar a literatura africana e sua história”? Porque não estudar nomes como Pepetela, Luandino Vieira, José Eduardo Águas Lusa, Chimamanda Adich, Agostinho Neto, e tantos outros autores de literatura africana? Sendo o Brasil um país multicultural, e a população negra a maioria no país, faz-se necessário uma educação que atenda a diversidade cultural existente. Uma educação que valorize a diversidade étnico-cultural do país. Uma educação que ao invés de excluir, inclua o negro, como escreveu Cevalco (2003), ao referir-se aos estudos culturais:

Essa correção visa chamar a atenção para o fato de que os estudos culturais começaram como um empreendimento marginal, desconectado das disciplinas e das universidades consagradas, e começaram não porque este ou aquele intelectual os inventou, mas a partir da necessidade política de estabelecer uma educação democrática para os que tinham sido privados dessa oportunidade. (CEVASCO, 2003, p.62).

A exclusão da cultura negra e do próprio negro da educação tem contribuído de maneira significativa para a depreciação do afro-descendente no Brasil e de sua cultura, mantendo assim o preconceito racial existente no Brasil, desde os anos de escravidão a que esta população foi submetida. A educação brasileira a muito pede por uma democratização de seus conteúdos.

Segui em frente ainda no desejo de falar da literatura africana na minha graduação. Minha orientadora, a quem muito agradeço, ajudou-me a tornar possível aquele sonho, a defesa do trabalho de conclusão de curso e tendo sido aprovado.

O desejo inicial de minha dissertação no mestrado, aproveitando a Lei 10.639/2003 que tornou obrigatório o ensino da história e da cultura africana nas escolas de todo o país, tinha como tema: O ensino da literatura africana nas escolas e a construção de novas identidades. O objetivo era ver como se dava o ensino desta literatura nas escolas, e que tipo de construção identitária ela proporcionava aos alunos, em especial aos alunos negros. Mas, ao tentar tornar viável o projeto de pesquisa, era necessário conhecer o local de pesquisa e os meus informantes, que no caso eram os professores de literatura e de arte, para saber como eram suas aulas de literatura africana. O que as professoras me informaram é que o trabalho concentrava-se muito mais em algumas datas comemorativas, por exemplo, o dia da

consciência negra. Naquela semana ensaiavam para uma apresentação sobre a cultura africana ou afro-descendente.

A constatação foi que após 10 anos da aprovação da referida Lei, as escolas (pelo menos as escolas dos municípios onde fiz a tentativa de pesquisa), ainda não trabalham o ensino da literatura como previsto na lei. Para estas escolas e professores, naquela semana da consciência negra, era ou é o suficiente para atender as exigências da lei. Os professores mostraram total desconhecimento sobre autores da literatura africana. Por isso, tive que mudar meu objeto de pesquisa, porque percebi que seria impossível alcançar êxitos com aquela pesquisa, nos moldes em que ela estava delineada.

Nesse contexto, construir o meu objeto de pesquisa não foi tarefa fácil. Minha primeira dificuldade deu-se, portanto, quando tive que mudar o foco de minha pesquisa “O ensino da literatura africana nas escolas regulares de Ribas do Rio Pardo, e a construção de novas identidades negras”.

Quando eu me referia a literatura africana, esperava encontrar em sala de aula e nas bibliotecas das escolas onde eu faria a pesquisa, alguns exemplares de autores como, Mia Couto, Pepetela, Agostinho Neto, Chimamanda Adiche e tantos outros, que compõem a vastíssima gama de escritores renomados e grandes conhecedores da cultura africana.

O segundo momento que marcou minha pesquisa, veio durante o Seminário de Pesquisa, quando apresentei o andamento da dissertação, em setembro de 2012. A professora Adir Casaro Nascimento, percebendo talvez meu pessimismo, fez-me enxergar que a minha visão de literatura africana, talvez nada tivesse a ver com o que é aplicado nas escolas. Ali mesmo comecei a rabiscar um novo e possível tema para a minha dissertação e continuei com o apoio incondicional de meu orientador e a partir daí, tive que correr contra o tempo.

Por causa de tudo o que acabei de expor acima, fui visitado também pelo sentimento de incapacidade. Olhando para o tempo que tinha para desenvolver minha dissertação e olhando o que já havia produzido, pensei comigo mesmo, “não darei conta desta missão”. Nesse momento, recebo o e-mail do meu orientador amigo, dando-me ânimo. Por isso do meu agradecimento sincero ao orientador, pela atenção e principalmente pela paciência que teve comigo quando eu nem mais respondia seus e-mails.

Mesmo assim, enquanto procurava escrever sobre a temática reformulada, continuei, algumas vezes, sendo visitado pelo desejo de desistir. Não porque não fosse relevante o assunto, pelo contrário, pois a obra escolhida é uma das obras mais solicitadas e usadas na realização de vários vestibulares em todo o Brasil e representa uma época significativa na

literatura do país. O desejo de desistir se deu pelas inúmeras dificuldades que se apresentaram a mim ao longo desta laboriosa, mas, prazerosa missão de escrever.

Escrever sobre este tema continua sendo difícil para mim. Mesmo sendo negro e escrevendo sobre os negros, ainda assim foi muito difícil. Por algumas vezes me questioneei se eu tinha alguma autoridade para escrever sobre esse assunto. Será que a cor de minha pele dava-me o direito de falar sobre os negros? Quem deveria me autorizar para falar sobre tal assunto? Essas e tantas outras indagações, acompanharam-me ao longo de minha escrita, angustiando-me, e talvez me acompanham até o presente momento.

É bom salientar que escrevo não como representante dos negros brasileiros, o que seria pretensão insana de minha parte. Não escrevo representando movimento negro algum, e manifesto aqui minha admiração pelos movimentos negros de todo o Brasil, pela luta que tem travado diante das autoridades do país, para a valorização do negro.

Escrevo apenas como pesquisador, negro, e interessado sobre a temática da identidade e da diferença. O fato de ser negro e escrever sobre a temática negra, acredito ser fator de qualificação deste trabalho, trazendo-me mais responsabilidade para que a pesquisa não assumisse tom de desabafo ou de imparcialidade.

2.2 PROBLEMA E OBJETIVO

A questão racial é algo que se tem discutido muito. Sendo o Brasil um país de muitas culturas, a questão racial tem tomado conta dos fóruns de debates, na tentativa creio eu de se melhor lidar com esta realidade. Neste sentido, lembro que o objetivo geral é: analisar quais representações a obra “O mulato” de Aluísio de Azevedo faz dos negros, e que tipo de identidades negras podem ser construídas por alunos do ensino médio, ao lerem esta obra. Lembro ainda que para darmos conta desse objetivo geral, destacamos como objetivos específicos: a) identificar as razões que os alunos apontam para a existência do racismo; b) verificar se os alunos se identificam com o personagem negro e os motivos para a (não)identificação; c) analisar as representações de negros feitas por alunos que leram a obra “O Mulato”. A pesquisa foi feita com 8 alunos do 3º ano do ensino médio, de uma escola da rede estadual de ensino de um município do interior do estado de Mato Grosso do Sul. O critério para participar da pesquisa foi que os alunos tivessem lido a obra “O Mulato”.

Na biblioteca da referida escola existe um exemplar reduzido da obra, que foi lido pelos alunos, mas isso não alterou a consistência da obra. (Trata-se de um exemplar reduzido,

fornecido pelo MEC para as escolas). Mesmo reduzida, a obra mantém as características, e este fato não prejudicou o entendimento geral da obra.

Em uma primeira etapa todos os alunos da turma do terceiro ano do ensino médio leram a obra indicada e discutimos a mesma em sala. Desta discussão, foram selecionados os 10 alunos para o grupo focal, forma encontrada mais adequada para o trabalho de coleta de dados. Ela permite que os alunos articulem suas falas e retomem os pensamentos de forma livre. Como apontam Bogdan e Biklen (1994), o campo da pesquisa qualitativa se constitui de diversas possibilidades metodológicas, as quais permitem um processo dinâmico de aderência a novas formas de coleta e de análise de dados. Dentre essas possibilidades, segundo nosso entendimento, o grupo focal representa uma técnica de coleta de dados que, a partir da interação grupal, promove uma ampla problematização sobre um tema ou foco específico.

Para o tipo de pesquisa a que nos propomos a fazer esta técnica se mostrou muito eficiente, por causa da liberdade que o que o grupo focal dá ao sujeito de expor suas ideias, retomá-las logo em seguida com algumas mudanças oriundas da interação com os demais debatedores. Além disso, esta técnica também permite que os participantes do grupo tenham suas ideias influenciadas, atravessadas, resignificadas pelas respostas dos outros. Cada participante tem a capacidade de influenciar a fala de outros.

O entendimento de grupo focal varia de autor para autor, mas todos eles valorizam a interação, a liberdade e a possibilidade de retomada de ideias, com a possibilidade de mudá-las.

Defini que trabalharia em minha dissertação com uma obra literária de autor brasileiro, cujo conteúdo fosse atual, e que me possibilitasse trabalhar a questão racial, que é o meu foco na pesquisa. Além disso, queria uma obra que fosse trabalhada na escola onde eu faria a pesquisa para não atrapalhar o conteúdo da turma que havia escolhido para fazer a pesquisa. Neste sentido, a obra *O Mulato*, foi a escolhida.

Meu primeiro contato com a escola se deu no mês de setembro do ano de 2012. Fui a escola a fim de conversar com a professora de literatura e ter a possibilidade de conversar com a turma. Minha intenção inicial era ter o conhecimento das obras que ela trabalhava em sala com os seus alunos. Ao me deslocar para a escola, já havia feito uma pesquisa e listado algumas obras possíveis para se trabalhar a questão racial. Entre as obras listadas, estavam *O Cortiço* de Aluísio de Azevedo, uma obra que é muito rica para se abordar a questão racial, porém já foi muito trabalhada. Uma outra obra que listei foi *O Mulato* do mesmo autor. Confesso que estava muito propenso a indicar a professora que levasse a turma a ler tal obra,

mas isso não foi necessário, pois a professora me informou que a turma estava lendo a obra *O Mulato*, como atividade obrigatória da turma, já que estavam estudando a escola literária denominada Naturalismo, e Aluísio de Azevedo sendo ele considerado o pai do Naturalismo brasileiro, a professora escolheu uma das obras do autor para que a turma fizesse a leitura.

Como a turma já estava lendo a obra, a ideia era reunir a turma para um grupo focal ainda em 2012, para a discussão da mesma. Mas por diversas razões e problemas da turma com a escola e com a professora isso não foi possível, e com isso como a tarefa do pesquisador não é mesmo fácil, tive que fazer algumas viagens para a escola sem no entanto poder efetivar minhas intenções. Consegui reunir a turma apenas no ano seguinte, quando fui convidado pela mesma escola escolhida para a pesquisa, para lecionar a disciplina de Língua Portuguesa na mesma turma na qual eu objetivava formar o grupo focal para debater a obra. Em síntese, a obra foi escolhida porque:

- a) Apresenta vários elementos para análise sobre a temática da questão racial, que é o nosso objetivo na análise nesta obra.
- b) Apesar de ter sido escrita no Século XIX, ela tem relação com a realidade social de nossa época. Suas denúncias continuam atuais, fazendo parte de nosso cotidiano.
- c) É das obras mais solicitadas nos vestibulares do país, e por isso mais estudadas nos cursos pré-vestibulares.
- d) Ela faz parte de um seleto grupo de obras de leitura obrigatória no ensino de literatura no ensino médio.

Depois da escolha da obra, como já dissemos, foram escolhidos 10 alunos em um universo de 30 para que pudéssemos aprofundar mais a discussão sobre a obra. O critério específico para a escolha dos 10 alunos foi a percepção do pesquisador durante o debate realizado em classe, que esses 10 alunos haviam lido com mais profundidade a obra. Embora a sala fosse composta também de alunos negros e a temática do trabalho ser voltado para identidades negras, a identificação racial não foi usada como critério para a escolha daqueles 10 que fariam parte do grupo focal. O que queríamos aferir com a leitura da obra, era a representação que a obra faz dos negros, e como afirmam autores utilizados em nossa pesquisa, as representações são feitas não apenas pelo olhar do outro a nós, mas também pelo nosso olhar ao outro.

Foram feitas três tentativas frustradas, para juntar os 10 sujeitos para o grupo focal. Em um dia todos esqueceram, nos outros dias apareceram três. Apenas no quarto dia consegui reunir um numero maior, ou seja, reuni 5 alunos e resolvi fazer o grupo focal com eles. Para completar os oitos sujeitos, resolvi entrevistar individualmente 3 alunos que haviam lido a

obra atentamente. No grupo focal apareceram 2 alunas (uma branca e outra negra) e 3 alunos (um negro e dois brancos). Os próprios alunos que se classificaram de negros e brancos. Não foram realizadas entrevistas individualizadas com os participantes do grupo focal, onde cada aluno se manifestou de maneira livre. Mas em alguns momentos as perguntas eram direcionadas para cada um deles de maneira individual. Os outros três alunos entrevistados eram todos brancos, sendo dois do sexo masculino e uma do sexo feminino. Três perguntas serviram como norte para a discussão do grupo focal e também para as entrevistas com os outros três sujeitos da pesquisa que não participaram do grupo focal: 1. Qual foi a sua percepção sobre a leitura da obra? 2. Qual a sua visão sobre como o autor apresenta o personagem “O Mulato”? 3. Vocês se identificaram ou se identificariam com o mulato? Estas foram as perguntas principais feitas aos alunos e com base nas respostas por eles dadas foram surgindo outras perguntas e de maneira dinâmica foi decorrendo o grupo focal.

O material colhido do grupo focal e das entrevistas foi analisado com base nos autores dessa dissertação, em conformidade com os objetivos propostos. Utilizamos como método para interpretarmos o que foi dito nos discursos dos sujeitos no grupo focal e nas entrevistas, o Método de Análise do Discurso. Este método tem entre outras características, analisar o discurso dos sujeitos de maneira crítica, considerando que os discursos são produzidos na interação com a sociedade. Por isso, não se pode analisar os discursos produzidos de maneira isolada, sem levar em conta o meio no qual foram produzidos.

Nossos sujeitos, embora pré-adolescentes, fazem parte de um meio social que os interpela, modifica e transforma. Por isso suas falas vêm carregadas destes atravessamentos todos, construídos por meio da interação.

Segundo Rojo (2004), a análise crítica do discurso é uma das correntes mais ativas da análise do discurso, diferencia-se principalmente pela liberdade que é atribuída ao analista. Para esta autora, a característica principal desta corrente para o analista é:

[...] o desejo de interferir na ordem discursiva pelo menos expandindo a consciência crítica dos falantes e de proporcionar-lhes ferramentas para a análise de discursos próprios e alheios é o que mais distingue essa corrente (ROJO, 2004, p. 212).

Esta teoria analisa os discursos dos sujeitos em três aspectos, que a autora chama de “visão tridimensional” que são: “O discurso como prática textual”, “o discurso como prática discursiva” e “o discurso como prática social”. Com este tripé, é possível analisar os discursos dos sujeitos de maneira a entendê-lo melhor:

As várias dimensões do discurso, como prática social, como prática discursiva e como prática textual, não podem portanto, dissociar-se: os elementos linguísticos que aparecem em um discurso concreto, as palavras que o integram, o estilo ou idioma a que pertencem, as vozes que neles são evocadas, tudo isso contribuirá para a realização de uma tarefa determinada, para atuar em sociedade e, ao mesmo tempo, para criar uma representação específica - e não qualquer outra - dos acontecimentos. E essa representação, por sua vez, reforçará ou questionará, fará com que se tornem naturais ou porá em questão certas visões dos acontecimentos e da ordem social e não quaisquer outras, certas ideologias e não outras, que poderão beneficiar ou prejudicar os interesses dos vários grupos, classes sociais e gêneros (ROJO, 2004 p. 216).

Ancorados no método da Análise Crítica do Discurso, analisaremos as falas dos nossos sujeitos procurando responder aos objetivos da pesquisa.

2.3 SITUANDO A OBRA O MULATO

Considerando que talvez alguns leitores desta dissertação não conheçam a obra e o contexto em que ela se insere, trazemos alguns elementos que ajudam a caracterizar e situar essa obra.

A obra *O Mulato* de Aluísio de Azevedo, foi escrita em 1881, nove anos antes da abolição da escravidão negra no Brasil. Esta obra dá início ao gênero literário denominado de naturalismo no Brasil.

Este movimento chegou ao Brasil no final do século XIX. Os escritores brasileiros abordaram a realidade social brasileira, destacando a vida nos cortiços, o preconceito, a diferenciação social, entre outros temas. O principal representante do naturalismo na literatura brasileira foi Aluísio de Azevedo. Suas principais obras foram: *O Mulato*, *Casa de Pensão* e *O Cortiço*.

O Naturalismo foi um movimento cultural relacionado às artes plásticas, literatura e teatro. Surgiu na França, na segunda metade do século XIX. Este movimento foi uma radicalização do Realismo.

Este movimento teve como uma de suas principais características a explicação do mundo através das forças da natureza. Entendia que o ser humano estava condicionado a características biológicas e também sofria influência do meio social em que vive. As teorias de evolucionismo de Charles Darwin influenciavam muito os autores da época.

Na literatura, ocorre muito o uso de descrições de ambientes e de pessoas. Ainda na literatura, a linguagem é coloquial, e os principais temas abordados nas obras literárias naturalistas eram: desejos humanos, instintos, loucura, violência, traição, miséria, exploração social, etc.

2.4 BREVE RESUMO DA OBRA

A obra *O Mulato* conta a história de Raimundo (o mulato) filho de uma escrava chamada Domingas e seu pai, um comerciante português de nome José Pedro. Ele se apaixona pela prima Ana Rosa. Raimundo morou durante muito tempo em Portugal, onde se formou em Direito, mas sempre alimentou o sonho de retornar ao Brasil. Raimundo se apaixonou pela prima e começam a namorar. Mas esse namoro não é aceito pela família da moça. Principalmente a avó da moça e o pai dela colocaram-se contrários a esse namoro. Além da oposição dos membros da família, o namoro teve também oposição do padre da região. Todos eles conheciam as origens de Raimundo. O cônego Diogo era o mais empenhado em impedir a ligação, uma vez que foi responsável pela morte do pai do jovem. Raimundo era filho de José Pedro com uma mulher negra chamada Domingas. Logo após o nascimento de Raimundo, seu pai se casa com uma mulher branca de nome Quitéria, que suspeitava do carinho de José Pedro com seu filho e sua mãe. Ordenou que castigassem Quitéria. Ela foi açoitada e teve suas partes genitais queimadas. Talvez temendo o que Quitéria poderia fazer com seu filho Raimundo, José Pedro carrega o filho e leva-o para a casa do irmão que morava em São Luís. Ao voltar da viagem para à fazenda, imaginando Quitéria ainda refugiada na casa da mãe, José Pedro ouviu algumas vozes que vinham de seu quarto. Ao invadir o quarto, o fazendeiro surpreendeu Quitéria com o Padre Diogo em pleno adultério. O pai de Raimundo sem ter a intensão de fazê-lo, mata Quitéria, e o padre Diogo torna-se a única testemunha do assassinato cometido por José Pedro, que usa exatamente esse novo fato para chantagear o assassino. Por causa da culpa dos dois, um por causa do adultério e o outro por causa do assassinato, formaram um pacto, onde os dois comprometeram-se em manter um o segredo do outro. Com todos estes dissabores em sua vida, José Pedro deixa a fazenda, e vai morar na casa do irmão e adoecer.

Algum tempo depois, José Pedro volta à fazenda, mas, no meio do caminho, sofre uma emboscada onde foi morto. O Padre Diogo passa a fazer visitas constantes a casa de Manuel Pescada, tornando-se íntimo da família. Raimundo ignorava tudo isso, pois estava imbuído

em outra busca. Já adulto, sua preocupação básica era saber tudo sobre suas origens e, por isso, insiste com o tio para visitar a fazenda onde nasceu.

Com o passar dos tempos, Raimundo descobre os primeiros dados sobre suas origens e insiste com o tio para que lhe conceda a mão de Ana Rosa. Depois de várias recusas, Raimundo fica sabendo que o motivo da proibição devia-se à cor da sua pele. Já em São Luiz, Raimundo muda-se da casa do tio, e resolve voltar a morar no Rio de Janeiro, escreve uma carta para sua amada Ana Rosa, onde confessa todo seu amor, mas acaba não viajando. Apesar das proibições, Ana Rosa e ele planejam uma fuga. A carta que ele havia escrito foi interceptada pelo empregado de seu tio Manuel Pescara de nome Dias que também era apaixonado por Ana Rosa.

Chegado o momento da fuga, os namorados foram pegos. O cônego armou um grande escândalo, e Raimundo sai contrariado e quando abre a porta é acertado por um tiro, que fora disparado pelo caixeiro Dias com uma arma que lhe fora emprestado pelo cônego Diogo. Ana Rosa aborta. Entretanto, seis anos depois, vemo-la saindo de uma recepção oficial, de braços com o Sr. Dias e preocupada com os "três filhinhos que ficaram em casa, a dormir".

2.5 AS REPRESENTAÇÕES DOS NEGROS NA OBRA “O MULATO”

A literatura através de suas obras ajuda-nos a fazermos uma leitura da sociedade em que as obras foram escritas. Ela nos permite perceber a sociedade em todas as suas interfaces, porque também é função da literatura além de divertir, registrar a realidade do cotidiano em que se insere. Além disso, também é tarefa da literatura denunciar os costumes e a cultura de um determinado povo, localidade. Segundo Barbosa (2006):

Por meio da literatura o artista recria o mundo, (re) significa valores, costumes e fatos pois sendo ele partícipe da sociedade e da história do seu tempo, desempenha um papel de mediador entre o contexto em que está inserido e a sua obra. Desse modo, as condições sociais, os hábitos, as crenças, os estereótipos e os preconceitos compartilhados por um determinado grupo em uma determinada época são elementos formadores da visão do mundo e fatalmente estarão presentes na descrição artística. (p. 89).

A Literatura, por expressar a realidade subjetiva do ser humano e também seus sentimentos, se faz importante para se tomar como objeto de uma pesquisa, já que ela nos

permite entre outras coisas perceber os costumes e também as ideias da época em que ela foi produzida.

Segundo Cândido (2006), importante crítico da literatura brasileira, a obra literária deve ser analisada, não apenas em seus aspectos técnicos e teóricos, mas deve-se fazer também a análise profunda da sociedade em que a obra foi escrita.

As obras literárias, sobretudo as denominadas como clássicos da literatura brasileira nos trazem informações e materiais que possibilitam entender o mundo em que vivemos. O fascinante da literatura é a possibilidade que se tem de podermos viver o passado estando no presente. Embora nem todo o passado se pode e se tem prazer de reviver.

As obras literárias em sua maioria retratam uma realidade já vivida, não importando se aquela realidade registrada ali feriu, desprezou ou se o seu efeito continua devastador para a nova geração. Porém, o papel da literatura nas escolas não deve ser a penas reproduzir o que a história registrou e fixou, mas sim, este ensino deve procurar problematizar as diferenças encontradas nas obras literárias, que retratam a realidade social de cada época. Não basta apenas celebrar a diferença e a diversidade cultural como uma das características do multiculturalismo brasileiro, mas elas devem nos levar a questioná-las.

Barbosa (2006), em seu artigo “O personagem negro na literatura brasileira”, concluiu que:

Uma análise mais demorada e abrangente da literatura brasileira, leva-nos a constatar a predominância de exemplos que nos dão um painel de estereótipos e de caricatura depreciativas referentes ‘a população negra (BARBOSA, 2006, p. 90).

Assim como na história, a literatura também registra a presença do negro, mas esta presença é relegada a segundo plano. Os personagens negros aparecem na maior parte das vezes de maneira depreciativa ou com bondade excessiva a ponto de negarem a si mesmo em favor do senhor, mostrando que o negro nasceu para isso, para servir e o branco para ser servido.

No século XIX, encontraremos, quantitativamente, uma presença mais significativa de personagens negros nos escritos literários. Entretanto, podemos afirmar que o negro, diferentemente dos personagens indígenas, foi perspectivado na produção literária como objeto e não como sujeito. A literatura funciona, assim, como mais uma forma de marginalização e de discriminação da população negra brasileira (BARBOSA, 2006, p. 91).

A construção de uma identidade passa necessariamente pela valorização do outro, através da representação que é feita deste outro. Se o representarmos caricaturado ou estereotipado como é o caso dos personagens negros nas obras de literatura, deixaremos esta marca para este indivíduo. Com isto pode-se dizer que uma análise profunda sobre a literatura brasileira nos levará a conclusão de que esta literatura tem ajudado muito mais para a inferiorização e discriminação do negro brasileiro através das representações que foram criados sobre eles, do que para valorizá-los.

Exemplo claro do que acabamos de mencionar, na obra em análise “O Mulato”, o narrador logo na descrição de seus personagens, descreve seus personagens de maneira pejorativa. Mas isso ocorre principalmente com as personagens negras, onde o autor não se limita apenas a chamar o nome, mas sempre acrescenta o adjetivo. Veremos como o narrador registra a presença dos personagens negros na obra.

A Praça da Alegria apresentava um ar fúnebre. De um casebre miserável, de porta e janela, ouviam-se gemer os armadores enferrujados de uma rede e uma voz tísica e aflautada, de mulher, cantar em falsete a “gentil Carolina era bela”; do outro lado da praça, uma preta velha, vergada por imenso tabuleiro de madeira, sujo, seboso, cheio de sangue e coberto por uma nuvem de moscas, apregoava em tom muito arrastado e melancólico: “Fígado, rins e coração!” Era uma vendedeira de fatos de boi. (AZEVEDO, 1996, p.19).

Nesta representação, o narrador apresenta a mulher negra não pelo nome, mas cria sobre ela uma caricatura, um adjetivo para referir-se a personagem negra. A descrição feita pelo narrador sobre a personagem nos dá a entender que esta mulher é retratada como sendo porca, relaxada, desprovida do mínimo de higiene pessoal. Por essa representação feita não dá a mínima vontade e coragem em consumir o que ela comercializava. Esta mulher não é tratada pelo nome, mas é mencionada como “preta velha”. Acredito que todos os negros já tenham passado por essa realidade de ter um nome e ser chamado pela cor da sua pele.

No mesmo trecho citado, o narrador menciona a presença de uma outra personagem. O narrador não diz se é negra ou branca, (mas pelo nome aporuguesado a que se refere, deduz-se que seja branca.) mas, esta ele trata pelo nome, e os adjetivos usados para se referir a Caroline são diferentes do que ele usou para se referir a negra. Enquanto a negra era “gorda” Caroline era gentil e bela.

O narrador também faz um paralelo com a realidade social das duas personagens. As duas personagens são femininas, mas a realidade vivida pelas duas é extremamente

contraditória. Enquanto uma é descrita na janela cantando, o que pode mostrar a classe social desta mulher, outra estava melancólica, vendendo miúdos de boi em condições subumanas, mostrando talvez qual o lugar de cada uma delas na escala social da época. Ambas eram mulheres, mas cada uma tinha seu lugar determinado na sociedade. Esta realidade aqui descrita pode ser interpretada como sendo um retrato real da desigualdade social a que as mulheres brancas e negras viviam naquela época, o que não é muito diferente da sociedade de hoje.

Em outro trecho, o narrador descreve a forma como os negros eram tratados: neste registro, os negros são retratados como mercadorias, objetos que não possuem vontade própria:

Os corretores de escravos examinavam, à plena luz do sol, os negros e moleques que ali estavam para ser vendidos; revistavam-lhes os dentes, os pés e as virilhas; faziam-lhes perguntas sobre perguntas, batiam-lhes com a biqueira do chapéu nos ombros e nas coxas, experimentando-lhes o vigor da musculatura, como se estivessem a comprar cavalos. (AZEVEDO, 1996, p. 20).

Neste trecho, o narrador, descreve a cena típica de vendedores e compradores de cavalos. Os comerciantes de cavalos agiam exatamente da maneira como é narrado. Eles testam a musculatura do animal, reparam os dentes do mesmo para depois fechar o negócio. É desta maneira como o narrador se refere aos negros, como meros animais que estavam a venda e a disposição de seus senhores. Os negros são registrados de maneira dócil, não esboçando nenhuma reação. Será que esta relação era tão pacífica assim?

2.6 REPRESENTAÇÃO DO NEGRO NA OBRA SEGUNDO OS ALUNOS

Farei nesta parte do trabalho a análise do grupo focal e das entrevistas realizadas em junho de 2013 com os alunos do 3º ano do ensino médio de uma escola estadual de um município do interior do estado de Mato Grosso do Sul.

Os alunos atendem pelo nome de Fernanda, Carla, Cássio, Caco, Cosme, Camila, Maria e Jeferson. Os nomes são fictícios para preservar o anonimato destes alunos. Pela mesma razão, não mencionamos o nome da escola onde a entrevista foi feita, e nem a cidade.

O anonimato dos alunos e da escola, não foi exigência dos sujeitos, nem mesmo da direção da escola, foi uma opção do pesquisador.

2.6.1 “OS NEGROS NÃO ASSUMEM SUA IDENTIDADE, ELES MESMO SE AUTO DISCRIMINAM.”

Esta frase foi várias vezes repetida durante o grupo focal. As respostas dos entrevistados de que os negros não se assumem como negros foi recorrente.

Ao analisar a resposta dada por estes alunos sobre os negros, percebi que os alunos entrevistados têm o seu imaginário afetado ou atravessado pelas relações sociais de poder. Porque o negro não se assume como tal? Munanga, (2009) sobre isso diz: “[O negro] perde a confiança em suas possibilidades e nas de sua raça, e assume os preconceitos criados contra ele. É nesse contexto que surge a negritude” (MUNANGA, 2009, p. 24).

Segundo a aluna Carla:

Ah! Eu vejo mesmo pelo Tiago (marido da aluna), a mãe dele é preta, bem preta mesmo. Ele não sabe quem é o pai dele, mas todo mundo fala que é branco... Sei lá, ele tem um preconceito com ele... Ele não se assume. Todo mundo chega, o negão, vê um preto o negão, sei lá. Ele é meio preconceituoso pelo que ele fala. Tipo tem uma frase que todo mundo fala, passa um negro aí e leva as coisas se deixar as coisas fora, porque falar assim? Acho que é por isso que eles não se assumem. (Aluna Carla).

Reforçando a fala dos demais colegas, a aluna Carla cita um exemplo pessoal, afirmando que seu marido (que é negro), é preconceituoso consigo mesmo. O interessante é que todos disseram a mesma coisa: que os negros são preconceituosos com os outros negros, assim como eram para consigo mesmo. Será que é possível manifestar preconceito consigo mesmo? Porque os negros se auto-discriminam? Trata-se de fato de auto-discriminação? Ou é o efeito da discriminação exercida pelos brancos? Segundo Munanga (2009), associamos tudo que remete as identidades/diferenças negras ao inferior, ao ruim. África negra é vista como dependente e miserável. A religião negra é vista como feitiçaria, coisa das trevas, diabólica.

As pessoas negras negam sua identidade negra, porque o ser negro está sempre associado ao que é ruim, ao que não presta. Neste sentido, o não se assumir como negro, é uma construção cultural e social. Ela foi produzida pelo contexto da colonização e pela ideologia do branqueamento.

Para Santos (1997, p. 99), são “os sistemas de dominação (imperialismo colonialismo, racismo) que compelem ativamente, os grupos negros a internalizarem percepções negativas da negritude, a se auto-odiarem”. Segundo o autor, essa internalização prejudica muito a luta dos negros contra os processos de discriminação e racismo.

As imagens que são veiculadas do negro, são sempre com um cunho negativo, dando a entender que ser negro é ruim. Os alunos repetiram isso de maneira constante, as vezes em uma tentativa de defender os brancos. Além da aluna Carla, o aluno Jaime disse: “Eles mesmos não se aceitam. O problema é que eles mesmos não se aceitam. Então vou deixar minha marca como se eu não me aceito”. A ideia de que o negro não se aceita, e que ele mais se auto-discrimina do que são discriminados, é muito frequente e faz parte do imaginário social e cultural de nossa população. Mas ninguém pergunta se ao negro foi dado condições dignas de assumir sua identidade sem sofrer por isso. Além disso, nesta questão, como em todas elas, é possível vermos a força do discurso. Dependendo de onde se fala, e de quem fala, o discurso terá um efeito maior sobre o sujeito. Quando o negro afirma não gostar de seu cabelo, diz-se que ele não se assume, tirando dele a liberdade de gostar de algo ou não. Quando o branco diz que não gosta de seus cabelos por serem lisos demais, não se diz que o branco tem dificuldades em se assumir. O branco tem a liberdade de se auto - declarar do jeito que achar conveniente, mas este direito ainda tem sido negado ao negro no Brasil.

A fala da aluna Carla ao dizer que seu esposo não se assume como negro baseia-se em uma situação familiar muito corriqueira na nossa sociedade. Expressões como: serviço de preto; se não.... na entrada... na saída; só tinha que ser negro para fazer isso. São expressões que nós cidadãos negros ouvimos quase que diariamente e em diferentes contextos. Alguns familiares, outros de hostilidade, mas o preconceito se configura em qualquer um destes ambientes. Segundo a aluna Fernanda: “Falar que as coisas erradas que alguém faz é serviço de preto, mesmo sendo automático ou na brincadeira ainda assim fere”. Como afirma Guimarães (2008): “no simbolismo das cores, no Ocidente cristão, o negro significava a derrota, a morte, o pecado, enquanto o branco significava o sucesso, a pureza e a sabedoria” (p. 11-12).

Fernanda é uma aluna negra, aquela que me pareceu mais refletir sobre a obra e, sobre as relações sociais entre brancos e negros. Mesmo sendo negra, suas respostas dificilmente eram afirmativas fechadas, quase sempre usava a expressão “depende”. Nesta fala, por exemplo, ela rebateu seu colega que disse que “quando as pessoas falam serviço de preto, tinha que ser negro, isso sai automático” (Bruno).

Para Fernanda, não importa em que circunstância foi proferido o discurso, ainda assim se configura como preconceito, falta de respeito.

2.6.2 COLOCANDO-SE NO LUGAR DO SUJEITO NEGRO?

Ao perguntarmos ao grupo e aos entrevistados, se eles se assumiriam como negros (se fossem) lendo a obra o mulato, as respostas foram muito instigantes. Os mesmos brancos e negros, que condenavam os negros por não se assumirem como negros, foram unânimes em dizer que também não assumiriam a identidade negra. Segundo Hall (2006) a identidade torna-se uma celebração móvel que se manifesta pela maneira como somos representados. A resposta dos alunos, vai ao encontro de Hall(2006) quando afirma que a identidade não é algo fixo, estático, congelado, mas sim, móvel, dinâmico. Ela é ativada por todos os sujeitos dependendo do contexto em que é solicitado a se identificar. A flexibilidade da identidade, não é algo exclusivo dos negros ou dos brancos ou índios, ela é flexível para todos.

O aluno Cosme afirmou que: “Nenhum negro se assumiria negro, porque a sociedade passa a imagem perfeita do branco. Então, se assumindo como negro, iria ter costumes brancos”. Já a aluna Fernanda: “Em parte eu sentiria orgulho de ser preto e passar por tudo aquilo, mas assumir que sou preto aí já é meio complicado, acho que não me assumiria”.

Como se pode perceber, para Fernanda, o fato de ter passado pelo que Raimundo passou na obra a encheria de muito orgulho, mas em momento algum ela assumiria ser negra. Ela se orgulha das conquistas de Raimundo por ter estudado, o desejo de conhecer sua verdadeira origem. Esses são fatos que a aluna destaca que a encheriam de orgulho em ser negra, mas ao mesmo tempo, ela nega de forma categórica assumir uma identidade negra. Já para Cosme, nenhum negro assumiria a identidade negra, porque a sociedade passa a imagem perfeita dos brancos. O imaginário popular mostra-nos que tudo que vem dos brancos é sempre bom, sua cultura, seus cabelos lisos, a cor de sua pele e tudo mais. Em contrapartida, tudo que vem dos negros é negativo, seus cabelos, a pele, o nariz e tudo mais que identifica os negros fisicamente e sua cultura. Sendo assim, o negro acaba concebendo estas mensagens como sendo verdadeiras, e passa a desejar ser branco. Se não na cor da pele, pelo menos nas atitudes, no pensar, e em tantas outras coisas.

O que os alunos afirmam, é que não vale a pena assumir algo que apenas te traz malefícios. Segundo Hall (2006) o sujeito não tem um núcleo ou uma essência interior como se fosse um eu verdadeiro e estável. O “eu interior” é formado e modificado num diálogo

contínuo com os mundos culturais exteriores e as identidades que esses mundos oferecem. Segundo a aluna Fernanda: “É igual aqui, aqui ninguém tem preconceito né, mas se você vai a um outro grupo que tem preconceito aí você já não se assume porque fica difícil se assumir porque ainda tem o preconceito”. Da mesma forma o aluno Caco aponta: “Mas nunca que eu ia me assumir, gostar de uma mulher e não poder se casar com ela, porque ele é negro (quantos anos ele estudou? perguntou o aluno), fica um tempão estudando para chegar aqui e não ser valorizado na profissão que ele escolheu que é como advogado”?

Como vimos, os alunos são categóricos em suas respostas ao afirmarem que não se assumiriam negros, não porque não gostam de si mesmo, como haviam afirmado quando da primeira resposta deles, mas porque não é fácil assumir algo ou alguém que te faz mal. Dependendo do contexto do sujeito a resposta muda. Dependendo do contexto social em que eles estiverem, não teriam problemas em se assumir negro. A resposta da aluna Fernanda é muito instigante e vai ao encontro do que Hall (2006) afirma: dependendo de onde estiver e com quem, suas atitudes podem mudar, entre o assumir ou o não assumir tal identidade. O que a aluna Fernanda afirma com sua resposta, é que dependendo do ambiente onde estiver, se hostil ou pacífico, ela aciona a identidade que para ela se mostrar adequada no momento. Mas esse mecanismo de negação de sua própria identidade é fruto dos muitos anos que os negros sofreram de maus tratos, de humilhação. A negação destes sujeitos não surge do vazio nem do eu interior, mas sim das relações de poder que comandam nossas sociedades, das representações que são feitas deles.

A fala de Fernanda não pode nos levar a concluir que ela simplesmente não gosta de ser negra. Ela não se identifica negra em todos os lugares onde se encontra. Mesmo sendo negra, ela negaria sua negritude, se esta a levasse a ter algum prejuízo, mas, não teria problemas em se aceitar e assumir-se negra em um lugar sem discriminação. A aluna usa o ambiente alegre com os colegas e também em sua sala de aula, como lugar onde ela não tem dificuldades para se assumir negra. Com certeza, pela fala da aluna, existem lugares em que ela não assume a identidade negra.

Ao longo da entrevista os sujeitos foram citando algumas personalidades negras com as quais não teriam dificuldade alguma de se identificar. Personalidades como Neymar, Pelé, o Juiz Federal Joaquim Barbosa. O que mostra que o negro não tem preconceito com sua própria cor de pele, mas as representações que são criadas sobre os negros produzem a dificuldade para os negros no Brasil. Eles não negam o fato de serem negros, mas sim a representação que é feita dos negros. Talvez, a negação neste sentido, possa tomar uma ideia de auto defesa. Alguma maneira de se ver aceito nos grupos a que pretende pertencer.

Segundo Hall,

A identidade torna-se uma celebração móvel: formada e transformada continuamente em relação as formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam (2006, p.13)

Ao longo dos anos, o negro brasileiro tem sido representado de diversas maneiras. Na mídia, por exemplo, o negro tem espaço sim, aparece nas telenovelas, mas sempre ou na maioria das vezes, aparece em papéis subalternizados. Quando fazem papéis de um certo destaque no início da trama, normalmente terminam presos. É raro ver nas telenovelas uma família de negros bem sucedida vivendo feliz. Na literatura como foi visto, também tem uma certa presença. O problema não é perguntar se o negro participa ou não na literatura brasileira, a questão que se coloca é o tipo da presença. Será uma presença que dignifica o negro? Barbosa (2006) lembra que o negro na literatura é tratado como objeto e não como sujeito.

Hoje não se questiona apenas a presença do negro, mas sim, como essa presença se dá, ou seja, qual representação de negro está presente. A obra “O Mulato”, retrata um jovem mulato formado em Direito. A formação em Direito era uma das formações mais almejadas pelos pais para os seus filhos. Era na época uma das principais formações. Mas ao chegar ao Brasil, não pode se casar com a mulher que ama simplesmente por causa da sua origem negra. Se Raimundo fosse um jovem de cor branca, seria cortejado por muitos pais, desejando que ele se casasse com sua filha. Raimundo com a formação que tinha, foi preterido. A família preferiu ver a jovem casada com um ajudante de comerciante a vê-la casada com alguém de origem negra. A cor da pele e a identidade negra neste caso foram impeditivos para que a união se confirmasse.

2.6.3 (NÃO) IDENTIFICANDO-SE COM RAIMUNDO

Os alunos também foram questionados se esses se identificariam com Raimundo, e em caso afirmativo em qual momento. A aluna Fernanda respondeu: “Acho que só se ele (o mulato) se desse bem no livro. Ah! Eu consegui, mas agora só retrata ele só se lascando”. Já o aluno Caco disse: “Verdade professor, é igual os desenhos animados que falam dos super-heróis, ninguém quer ser o cara que perde toda hora. Igual o pica-pau, ele sofre no começo mas no final ele sempre se dá bem”.

Todos os alunos acabam concordando com a resposta da Fernanda que foi a primeira a responder a questão. Para eles, a identificação com Raimundo seria possível apenas em caso de sucesso deste em todas as suas aventuras na obra. Lembrando que Raimundo volta de Portugal com a intenção de conhecer suas raízes étnicas, e acaba se apaixonando pela prima. Mas em nenhuma de suas tentativas ele é feliz, por isso, a aluna Fernanda afirma que só se identificaria com o personagem se ele se desse bem.

A resposta dos alunos para esta questão mostra que a representação feita sobre alguém ou de alguém é muito importante para o processo de construção das identidades, pois a tendência é de os sujeitos se identificarem com aspectos positivos. Assim sendo, se os personagens negros na literatura são retratados negativamente, isso não contribuirá para a construção de uma identidade negra positiva. O retrato que é feito do negro na literatura faz com que o negro assimile e aceite o que historicamente foi falado contra ele mesmo.

O aluno Cosme mostra a visão que ele entende que os negros têm ou são retratados. O aluno diz que: “A imagem do negro ela é tratada de uma forma inadequada... Tipo assim, essa imagem (o aluno estava em frente ao Computador, referindo-se a propaganda de uma universidade particular sobre as cotas) de cotas do ensino médio coloca o negro como pobre, coloca o negro como criminoso, vai criando isso dentro da gente mesmo quando a gente vê já está acreditando” (Cosme).

O aluno Bruno falando sobre a existência ou não de racismo ou preconceito racial contra os negros no Brasil, afirma que o preconceito está acabando. O aluno afirma o seguinte, baseando-se na obra “Essa herança do preconceito vai perdendo, é a mesma coisa do dinheiro, você vai gastando e ele uma dia acaba” . Na mesma linha de pensamento a aluna Fernanda afirma dizendo que: “Na época do livro mesmo a velha era mais preconceituosa, o gênero já é menos preconceituoso. Vai perdendo aos poucos mais ainda há preconceito”(Fernanda). Neste mesmo diálogo, o aluno Caio retoma a palavra e diz que a questão do racismo é coisa dos antigos “ essa herança de preconceito é dos antigos.” Esta fala que se prolongou por mais alguns minutos, vai ao encontro com a constatação feita pela autora Eliane Cavaleiro (2000), citando Oliveira em seu livro, ao perceber que na pesquisa realizada entre professores e crianças sobre a existência ou não de racismo nos livros didáticos, as crianças não conseguiam perceber a existência de tal fenômeno, a autora justifica isso dizendo que

Essa não-percepção se deve ao fato de ser mais fácil para as crianças negras perceberem a discriminação em situações concretas, nas quais a ação do

racismo é imediata. A discriminação mais sofisticada, veiculada pelos livros didáticos, pelos meios de comunicação, para a maioria das crianças pesquisadas passou despercebida (...) Penso que a não percepção do racismo por parte das crianças também está ligada à estratégia da democracia racial brasileira, que nega a existência do problema (p.33).

Embora a citação se refira a crianças e eu tenha trabalhado neste trabalho com adolescentes, creio que a fala dos alunos pode ser explicada com a contribuição de Cavalleiro (2000), pois mostra a dificuldade de perceber o racismo.

Para estes alunos, o racismo está acabando, é algo que acontecia muito no passado, mas agora está terminando. A aluna Fernanda faz uma retrospectiva do racismo que Raimundo enfrentou na obra, a primeira barreira era da avó da moça, e de maneira mais moderada a do próprio pai, e que chega mais moderado na filha que se mostra sem preconceito algum ao aceitar namorar Raimundo.

Quando o preconceito é direcionado, é mais fácil ser detectado e ser percebido, por quem sofre o preconceito. Mas quando este preconceito toma outra roupagem, fica mais difícil a sua percepção. Já a fala do aluno Cosme, vai ao encontro com o que escreveu Ferreira (2000), ao afirmar que o negro tem a tendência de internalizar, de aceitar o que é colocado contra ele sobre a cultura dominante.

É comum o afro-descendente absorver e se submeter às crenças e valores da cultura branca dominante, inclusive a noção sintetizada nas ideias do “branco ser certo” e o “negro ser errado”. Esta internalização de estereótipos negativos é feita de maneira inconsciente. (FERREIRA, 2000, p.70).

A escola tem um papel fundamental neste processo de valorização da cultura dos afro-descendentes. Segundo Ferreira (2000) citando Pereira (1987) diz que:

A escola é fundamental na construção da identidade da criança afro-descendente, porém alimenta subliminarmente a figura do “negro caricatural”. No plano do relacionamento, tanto entre os alunos como entre professores e alunos, a instituição escolar é um microcosmo que reproduz o mesmo esquema estrutural da relação entre os que se consideram euro-descendentes e os afro-descendentes da sociedade brasileira como um todo, isto é, uma relação assimétrica de dominação/subordinação. Assim, em vez de corrigir, a escola estimula os estereótipos sociais e a submissão do afro-descendente aos valores brancos (p.71).

A aluna Fernanda falou: “É tipo aqui no Brasil, os índio já eram negros, aí vem os branqueros, roubaram tudo e nós estamos na pindaíba agora. Aí o que você vai pensar? Agente só se lasca e os brancos são os melhores, eles foram mais espertos” (Fernanda).

A aluna Fernanda mostra como a inferioridade que a sociedade e seus discursos impuseram aos negros é introjetada. Quando a aluna afirma que os brancos são “mais espertos e são os melhores”, ela assume mesmo que de maneira inconsciente, de que os negros, são inferiores aos brancos. Esta ideia de inferioridade do negro vem sendo imposta histórica e culturalmente desde a época da colonização e a entrada dos negros africanos no Brasil para serem transformados em escravos. A razão alegada pelos colonizadores para que o negro fosse visto como escravo, é que os negros eram inferiores aos brancos.

Silva (2005) afirma que

A ideologia do branqueamento se efetiva no momento em que, internalizando uma imagem negativa de si próprio e uma imagem positiva do outro, o indivíduo estigmatizado tende a se rejeitar, a não se estimar e a procurar aproximar-se em tudo do indivíduo estereotipado positivamente e dos seus valores tidos como bons e perfeitos. (p.23)

O aluno Jaime afirma: “Que faz, que faz e nunca dá certo. Então vou tentar ser igual ao branco para ver se dá certo”. A fala deste aluno negro mostra que o negro é levado a se diminuir, a sentir-se inferior, incapaz e tantos outros adjetivos negativos que são postos sobre seu grupo e assimila os preconceitos e os estereótipos que são postos contra ele. A ideia é querer ser igual ao colonizador, ao que oprime para conquistar o que este outro conquistou. A busca neste sentido é pela aceitação no grupo em que está inserido. Nesta mesma linha de pensamento a Fernanda afirma o seguinte “É tipo aqui no Brasil, os índio já eram negros, aí vem os branquero roubaram tudo e nós estamos na pindaíba agora. Aí o que você vai pensar? Agente só se lasca e os brancos são os melhores, eles foram mais espertos”(Fernanda). Hasenbalg (1990) aponta isso como sendo algo perverso. Para este autor, respostas assim, como as de Fernanda, são fruto da teoria do mito da democracia racial, ele afirma que

Outra face perversa dessa ideologia configura-se na sua apropriação pelos próprios indivíduos negros que, em situação social, apreendem a visão que a sociedade constitui sobre eles, levando-os a reproduzir preconceitos e atitudes discriminatórias dirigidas ao seu próprio grupo étnico, o que também, tendencialmente, lhes causa a própria auto – negação (1990, p.22).

A fala de Jaime retrata também as desigualdades sociais e econômicas que regem a sociedade brasileira. Quando ele diz que “o negro faz, que faz”, mostra a insatisfação perante a sociedade. O negro normalmente precisa fazer sempre mais para conquistar espaços que para os brancos são conquistados com mais facilidade. Em termos econômicos, os negros mesmo possuindo a mesma formação que os brancos, recebem salários menores. E esta desigualdade fica maior, quando se faz uma comparação salarial entre as mulheres no Brasil. Segundo pesquisas, as mulheres negras ganham um salário menor se comparados com mulheres brancas, mesmo tendo a mesma qualificação profissional.

Ainda nesta linha de raciocínio, a aluna Fernanda afirma: “Eu como preto tenho sempre que provar enquanto que os brancos não precisam”. A fala destes alunos não pode ser analisada desvinculada dos acontecimentos sociais e da interação destes sujeitos. Como argumenta Iñiguez:

A análise crítica do discurso deu ênfase ao estudo daquelas ações sociais que pomos em prática através do discurso, como o abuso do poder, o controle social, a dominação, as desigualdades sociais ou a marginalização e exclusões sociais. (IÑIGUEZ, 2004, p.118)

Na sociedade brasileira, o negro precisa provar todos os dias sua capacidade. A exemplo do que aconteceu com o personagem Raimundo da obra em análise, o Diploma de Curso Superior não tem sido o suficiente para garantir que os negros trabalhem em suas áreas de formação profissional.

Os alunos ao responderem que não se identificariam com Raimundo não o fazem em função da cor de sua pele ou pelo fato de ser negro, mas apenas acionam outras identidades que os favoreçam, dependendo do lugar e da circunstância em que se encontram.

Aproveitando o momento, questionei se havia algum negro com o qual se identificariam hoje. Sem a mínima dificuldade, os alunos começaram a enumerar personalidades negras que conhecem como: Neymar (jogador de futebol) Pelé (ex-jogador de futebol) o ministro do Supremo Tribunal de Justiça Joaquim Barbosa, Lázaro Ramos (ator) e tantos outros. Essas falas eram carregadas de muito orgulho, principalmente por parte daqueles alunos que se auto intitularam negros. Isso mostra que o negro tem sim orgulho de ser negro, mas não gosta das representações que fazem do negro na sociedade, na escola, na mídia televisiva, na literatura e nos livros didáticos.

Na questão do Raimundo, nenhum dos sujeitos ouvidos se identificaria com ele, pelo simples fato de que todas as suas tentativas não deram certo pelo fato de ser negro. Neste caso

o ser negro, ganhou para estes alunos, a conotação de ser um derrotado. Portanto, as representações feitas dos negros na sociedade brasileira e nos livros didáticos, levam-nos a criar uma imagem negativa do que é ser negro e isso muitas vezes leva o negro a não se aceitar como tal.

2.6.4 PERCEPÇÃO DOS ALUNOS SOBRE AS REPRESENTAÇÕES DOS NEGROS

Neste subitem, faremos a análise de como os alunos entrevistados interpretaram a obra e quais percepções criaram ao terem contato com a obra *o Mulato*.

Na percepção sobre a representação do negro, o aluno Caco foi o primeiro a falar:

A própria TV brasileira passa uma imagem que o branco sempre é superior. Várias novelas em que os empregados sempre são morenos de cor escura. Então acho que o próprio negro fica assim dentro do armário por causa da própria sociedade que está em volta dele que ressalta muito a cor branca como superior as vezes.

Para o aluno Caco, como se pode perceber, o problema maior que contribui para a desvalorização dos negros é a própria sociedade. A sociedade não tem contribuído de maneira efetiva para a valorização dos negros. Ao reproduzirem os vários estereótipos contra os negros, a sociedade acaba também por destruir as identidades deste grupo cultural. Além disso, tem também a mídia televisiva, que tem mostrado os negros em atividades laborais de menor prestígio social. Nas novelas, normalmente os negros são retratados como pessoas pobres sem o mínimo de condição, e que dependem muito de outros, que geralmente é alguém de pele branca. Como já apontei, não quero dizer que este tipo de trabalho não seja digno, entendo apenas que é um assunto que deve ser e merece ser problematizado para que se resolva esse tipo de questão.

Segundo Kellner (2001), a cultura da mídia nos permite ou possibilita que indivíduos ou grupos construam o que ele chama de senso de classe, de raça e etnia e de nacionalidade. Ou seja, a mídia ajuda na construção de identidades, sejam elas positivas ou negativas. Ela nos dá uma base de quem nós somos, e assim construímos a imagem de quem não somos. A construção desta imagem de quem nós somos é importante, pois permite-nos entender e perceber a existência do “outro”, do diferente. Como vimos, a identidade é fruto da interação

de diferentes grupos. Segundo Woodward (2000) “a narrativa das telenovelas e a semiótica da publicidade ajudam a construir certas identidades em momentos particulares, as promoções de marketing podem construir novas identidades” (p. 17) .

Se nos referirmos aos negros, normalmente a representação que é feita deles não tem ajudado para construir identidades positivas, mas sim negativas.

Santos (1997) ao falar sobre a representação do negro na televisão, afirma o seguinte:

É evidente, nas diferentes pedagogias culturais (cinema, revista, comerciais e telenovelas), a ausência de negros ocupando diferentes posições na vida cotidiana. Nas telenovelas, os negros e as negras ocupam, usualmente, o lugar de empregados/as, ou são colocados/as em situações que visam discutir, exatamente, a questão do preconceito racial em narrativas que em nada “fogem” às formações discursivas que constituem a branquidade como o natural. (p.101)

A exemplo do que tem acontecido na televisão, o negro na literatura tem sido tratado como se ele não existisse, isso pela maneira como o assunto tem sido abordado em sala de aula. O enfoque que é dado tem sido muito mais na questão da estética literária da obra do que um enfoque social ou cultural. E quando é trabalhado, é pelo viés negativo. Sendo assim, a questão da diferença não é problematizada e em não sendo trabalhada, não temos como vislumbrar melhorias no tratamento que é dado ao negro. Quando a mídia trabalha a questão, ou quando coloca negros nas novelas, não os coloca em lugares de destaque, mas normalmente os coloca em condições de inferioridade social, reproduzindo assim o imaginário social de que o negro nasceu apenas para fazer aquela determinada função.

Segundo a aluna Fernanda: “Para mim, tem uma frase que todo mundo fala: passa um negro aí e leva as coisas se você deixar as coisas pra fora. Porque falar assim? Acho que é por isso que eles não se assumem”.

Para a aluna Fernanda, o negro não assume sua negritude, por causa dos vários discursos que são impetrados contra a pessoa negra no Brasil. A imagem criada, ou a representação feita do negro na sociedade brasileira na maior parte das vezes é de marginal, corrupto. Tentando buscar uma justificativa para os negros não se assumirem a aluna Fernanda aponta a própria sociedade, mostrando claramente que o fato de o negro não se assumir segundo ela não está no próprio negro, mas na sociedade que o cerca e que o faz daquela maneira. A sociedade participa neste jogo, através das representações que faz do negro. Os estereótipos, as imagens que se faz do negro têm ajudado para que o negro não assumira sua identidade. A aluna Carla traz-nos mais um relato sobre sua família dizendo: “A

minha avó que é negra, me aconselhou a casar com branco. Ela disse: “você vai casar com preto? Casa com branco que é mais bonito”. A minha avó é preta, mas casou com branco. Ela acha o branco mais bonito. Ela não é preconceituosa, mas ela acha o branco mais bonito. Quando ela conheceu o meu marido (negro) ela adorou ele”. Esta fala da aluna, vai ao encontro do que Santos(1997) declara quando diz que os negros acabam incorporando os padrões de beleza dos brancos. A avó da aluna, antes de conhecer o namorado da neta julga-o por causa da cor da pele, mas ao conhecê-lo, seu discurso foi afetado.

O aluno Cosme, afirma que os negros deveriam ter orgulho de ser negros.

Acho que o negro deveria ter orgulho de ser negro sim. Tem o Joaquim Barbosa, agora no auge, o Neymar, o Pelé eles devem ter orgulho deles mesmo porque eles estão tomando lugar que os brancos..... Não podia estar livre daqui, quem são os melhores jogadores de futebol do Brasil, os dois são negros (Cosme).

O aluno começa a citar nomes como os de Neymar, Pelé, Lazaro Ramos e tantas outras personalidades que ele lembrou naquele momento. Este fato corrobora com o que Hall (2006) diz que a identidade de um indivíduo ou grupo se constrói pela maneira como este indivíduo ou grupo é interpelado pela sociedade ou pelo grupo familiar em que está inserido. Este aluno não teve dificuldade alguma em enumerar personalidades negras com as quais ele teria orgulho em se identificar. Isso mostra que o negro na realidade, não tem preconceito contra si mesmo ou contra a sua própria cultura. Ele não tem uma falta de orgulho de sua cor, apenas contesta as invenções que são criadas sobre os negros. Sua cor, seus cabelos sua cultura e tudo mais que o identifica. Segundo Backes (2006) a cultura é um campo de lutas e de contestações. Criou-se uma cultura de chamar os negros de ladrões, de incapazes, de insolentes, e quando o negro se ofende por essa classificação, a sociedade afirma que o negro não gosta de si mesmo. O relato abaixo, mostra a aluna Fernanda contando um pouco de sua vivência familiar, mostrando que seu esposo que é um homem negro, segundo sua própria declaração. A convivência às vezes traz dor para o esposo. A relação do esposo com a sua mãe em alguns momentos por causa de algumas expressões de sua mãe se mostra conflituosa:

Acho que o preto também se dói por muito pouca coisa. Eu sou uma pessoa que não tenho preconceito nenhum. Tenho preconceito contra os ignorantes. Aí a minha mãe muitas vezes falando sobre algo errado que a gente faz ela diz: fazendo serviço de preto? Já olho para a cara do Armando por que o Armando é muito dolorido é muito cocozinho, e diz olha a sua mãe não

gosta de mim. Eu fico tomando cuidado com as palavras das pessoas falando dos pretos (Carla)

O cuidado dela é com a reação que o esposo possa ter. A aluna talvez de maneira inconsciente, critica a postura do esposo por não aceitar ser estereotipado. Mas a aluna não faz nenhuma menção de crítica a postura de sua mãe, que chamou seu marido e todo o seu grupo de somente fazerem coisas ruins.

Neste sentido, se o negro se negar a reagir e ficar passivo frente a esse insulto, ele não está negando sua negritude. Na realidade ele não está negando sua condição de negro, ele apenas está rejeitando o estereótipo que foi criado sobre ele e as várias representações que foram criadas contra esta parcela da população. O imaginário social de nosso povo está muito afetado com essas distorções. O negro sempre está em situação de ser questionado no que faz. Até mesmo ao reivindicar respeito, ele é questionado, como se ele não merecesse ser respeitado.

Uma outra fala que merece ser destacada nas entrevistas e no grupo, foi a fala do Bruno, que mostra como a sociedade tem influenciado o indivíduo em suas ações e atitudes. O aluno praticamente culpa o negro por ser como é na sociedade. A fala de Bruno vem atravessada por concepções já cristalizadas em nossa sociedade. Para este aluno, o negro é o principal culpado das coisas que acontecem a ele. Quantas vezes já ouvimos pessoas dizendo que o negro não estuda porque não quer ou porque não gosta de estudar, desconhecendo a realidade econômica e cultural nesta análise, ou que o negro é pobre porque não gosta de trabalhar?

Depende do psicológico da pessoa, se ela não ligar para isso e ir para frente e não olhar para traz ela vai bem na vida. Agora tem uns também que se acham melhor que os outros (Bruno)

Nesta concepção do aluno, o indivíduo, não sofre a influência do meio em que está inserido ou como escreveu Hall (2006) seria a concepção do sujeito do iluminismo. Para este autor “o sujeito do iluminismo é totalmente centrado, unificado e dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação e tendo como centro o seu próprio núcleo interior” (HALL,2006, p.10) . Nesta visão, você é dono de seu próprio caminho, não depende de influência nenhuma para ser o que quiser ser.

É desta maneira que muitos veem a questão do negro, como algo que diz respeito somente a ele. A visão apontada por este aluno está carregada com o discurso do mito da

igualdade racial. Somos todos iguais e temos todos as mesmas condições de vida para ser o que quisermos e fazer o que se quiser. Esta visão esquece que as relações humanas são perpassadas por lutas de poder.

Segundo afirma Gomes (2006), “o homem é produto de uma relação dialética com o meio, ou seja, constrói e é construído no contexto das relações com a natureza e com a vida social e, nesse processo, interfere e, ao mesmo tempo, sofre interferências” (p.27).

Se não considerarmos o meio que produziu as representações negativas sobre o negro, tendemos a responsabilizá-lo pela sua condição na sociedade, até mesmo, tendemos a responsabilizá-lo pelo preconceito que sofre.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As diferenças raciais sempre estiveram presentes na sociedade brasileira, não há como negar esse fato. Não tem como esconder isso em um Brasil multicultural. A questão que é posta é que ao se descobrir que o Brasil é multicultural como se lidou com essa realidade. Como o Brasil tratou as diferenças que constatou existirem em seu interior.

O negro brasileiro sofre as mazelas da discriminação porque ao longo da história quando se percebeu a existência destas diferenças de que o Brasil não possuía apenas uma única cultura, mas sim várias, que não tinha uma única cor e outras maneiras de se enxergar o mundo, o caminho escolhido não ajudou o país a lidar com suas diferenças. Pelo contrário as classificou. Elegeu uma cultura (branca) como sendo a superior, portanto dominante entre todas, subalternizando as demais (negra e indígena). Esta cultura eleita a mais importante, passou a ser a detentora do poder na sociedade brasileira, ela escreve, descreve, ela classifica e qualifica e desqualifica o outro a sua maneira e conforme seus interesses.

Segundo foi apontado ao longo do trabalho, a escola é um lugar fértil para se trabalhar a questão das identidades e das representações. Neste caso os educadores tem um papel importante para que tenhamos uma educação mais igual. Entendo como igual, aquela educação que dê voz aos até aqui silenciados. A literatura e outras disciplinas escolares, podem muito contribuir para esse processo de valorização destes povos.

Ao se identificar a diferença, é necessário saber lidar com ela. Hoje, entendo que o problema não é o de identificar os grupos diferentes que compõem a nossa sociedade ou mesmo o interior de uma escola ou até mesmo a sala de aula, porque as diferenças são visíveis e perceptíveis a todos, a questão é saber trabalhar estas diferenças.

Até o momento da minha entrada no Programa de Pós-Graduação, entendia diferença simplesmente como algo que classifica as pessoas ou as culturas entre pessoas boas ou más e entre culturas boas ou ruins. Neste caminhar na academia, ao me apropriar dos autores do estudos culturais, pude entender que ser diferente não necessariamente nos classifica como inferiores, mas é uma constatação que me ajuda a afirmar quem eu sou, e quem o outro é. Neste sentido podemos dizer que se a diferença for bem trabalhada, é algo que pode contribuir de maneira significativa para a formação de uma sociedade multicultural, onde as diferenças sejam respeitadas.

Ao longo da história quando se percebeu estas diferenças, procurou-se trabalhar com elas de diversas maneiras, ora inferiorizando o diferente, o outro (negro), transformando-o em escravo. Resultado desta inferiorização, é a realidade vivida hoje pelos negros. Hoje os negros ocupam as camadas inferiores da sociedade. Ora invisibilizando-o através da teoria da democracia racial, que negava as diferenças existentes entre as culturas e entre os indivíduos que fazem estas culturas. A ideia desta teoria segundo Munanga (2003) era fazer crer que todos eram iguais e que o Brasil sabia trabalhar com as diferenças que se constatou existirem em seu interior.

No Brasil o mito de democracia racial bloqueou durante muitos anos o debate nacional sobre as políticas de “ação afirmativa” e paralelamente o mito do sincretismo cultural ou da cultura mestiça (nacional) atrasou também o debate nacional sobre a implantação do multiculturalismo no sistema educacional brasileiro (MUNANGA, 2003, p. 11).

Segundo este autor, o não aceitar as diferenças como algo positivo para a formação da sociedade brasileira, e negar que cultural e economicamente as pessoas são diferentes, fez com que se dificultasse uma discussão aberta sobre o assunto, e isso, contribuiu para que alguns grupos desta sociedade juntamente com suas culturas fossem classificados como inferiores.

Embora uma temática muito debatida nos últimos anos, ainda não é possível chegar-se a uma conclusão sobre a solução desta questão. O que tentamos fazer com este trabalho, é mostrar que os debates em torno do assunto devem continuar, e mostrar que os debates têm trazido alguns resultados, embora ainda tímidos. Através dos debates, os movimentos negros têm conseguido conquistas significativas para os negros, e para a sociedade brasileira em geral. Conquistas como a Lei das Cotas, e a Lei que obriga o ensino da História e da cultura Africana nas escolas.

A escola deve e precisa assumir seu papel para a formação de uma sociedade mais igual. O ensino da literatura precisa ter a função de levar os alunos a questionarem e a refletirem sobre a sociedade que eles fazem parte, e tentar mudá-la. A mudança de postura a que fazemos referência ao longo do trabalho, parte da transformação das representações culturais.

A análise feita mostra que os livros de literatura, inclusive os chamados clássicos, não têm ajudado para que se crie uma identidade negra positiva, pelo contrário, reforçam alguns estereótipos negativos contra a população negra.

A obra em questão mostra que o negro é descrito como ingênuo, sem higiene, e o personagem principal Raimundo, não consegue o que aspirava em sua vida, que era casar-se com sua prima, por ser negro.

Os sujeitos da pesquisa (alunos) não se identificam com o personagem Raimundo porque ele não é descrito como um vencedor. Alguém que quis algo, mas não conseguiu. Neste sentido, o ser negro, passou a ser associado a alguém sempre derrotado, incapaz de realizar seus próprios sonhos. As falas dos alunos mostram-nos que a representação que fazemos de alguém e de sua cultura, é capaz de produzir sentidos pelos quais estes serão conhecidos.

Será que os livros de literatura, erram sozinhos nesta questão? Qual o papel dos educadores na resolução destes problemas? A literatura tem cumprido com o seu papel?

O problema não está em perceber que existem diferenças entre o branco e o negro e o índio, a questão é problematizar estas questões, onde o aluno não tenha medo da diferença, mas que entenda que a diferença não nos torna melhores ou piores que outros.

Segundo Cavalleiro (2000):

O silêncio dos professores perante as situações de discriminação impostas pelos próprios livros escolares acaba por vitimar os estudantes negros. Esse ritual pedagógico, que ignora as relações étnicas estabelecidas no espaço escolar, pode estar comprometendo o desempenho e o desenvolvimento da personalidade de crianças e de adolescentes negros, bem como estar contribuindo para a formação de crianças e de adolescentes brancos com um sentimento de superioridade (p.32-33)

Os professores têm um papel fundamental para o desenvolvimento da identidade dos alunos negros. A maneira como encaram e discutem as questões culturais e raciais que encontram no interior de sua sala de aula é fundamental para a construção das identidades.

Para Candau

O desafio no momento é articular todas essas diferenças que estão adquirindo visibilidade pública, que se manifestam nos espaços públicos. É importante que os grupos dialoguem entre si e criem plataformas comuns e interculturais que permitam uma afirmação de uma cultura onde a igualdade e a diferença sejam componentes articulados (2011, p.284).

A discussão com os alunos nessa pesquisa mostrou que os negros por causa das representações que são feitas deles, tendem a não se auto declararem negros, como uma tentativa de fuga da própria realidade, onde o negro é sempre, ou, na maioria das vezes, colocado como inferior ao branco.

Percebemos com as falas dos alunos, que o não assumirem suas identidades quando do questionamento que fizemos a eles tem a ver com a sociedade e a cultura que até aqui vem tentando ignorar a existência deste grupo, que muita contribuição deu ao Brasil. Neste sentido, suas recusas em assumirem identidades negras se dão muito pela forma como suas culturas são representadas na esfera social brasileira. O negro ao não se assumir, não é uma declaração de que não gosta de si mesmo. A necessidade em ser aceito faz com ele recuse identificar-se com o seu grupo que tem sido visto ou que carrega consigo os estereótipos negativos, que inferiorizam, congelam, esvaziam, e estigmatizaram o negro em todas as áreas da sociedade.

Por fim, a pesquisa mostra que a Literatura pode ser um espaço importante de discussão racial e construção de identidades, mas para isso é fundamental que o professor esteja preparado para fazer essa discussão.

REFERÊNCIAS

ADICH, Chimamanda. **O perigo de uma única história.** Disponível em: http://www.ted.com/talks/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story.html

AZEVEDO, ALOÍSIO. **O mulato.** São Paulo: Ática, 1996.

BACKES, José Licínio. **Articulando raça e classe: efeitos para a construção da identidade afrodescendente.** *Educação e Sociedade*, Campinas, vol.27, n.95, pp. 429-443. 2006.

BARBOSA, Lucia Maria de Assunção. **“O personagem negro na literatura brasileira: uma abordagem crítica”.** In: ABRAMOWICZ, A., BARBOSA, L.M.A. e SILVÉRIO, V.R (orgs.). **Educação como prática da diferença.** Campinas: Armazém do Ipê, 2006.

BERND. Zilá. **O elogio da criouldade: o conceito de hibridação a partir dos autores francófonos do caribe.** In: ABDALA JÚNIOR, Benjamim (Org.) **Margens da Cultura: mestiçagem, hibridismo & outras misturas.** São Paulo, Boitempo, 2004.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

BOGDAN, Robert; BIKLEN Sari. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos.** Portugal: Porto, 1994.

BRAND, Antônio Jacó. **A emergência da diferença na história.** Campo Grande: UCDB, 2011. (texto digitado).

BUJES, Maria Isabel Edelweis. **Descaminhos.** In: COSTA, Marisa Vorraber (org.). **Caminhos investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação.** Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

CANDAU, Vera Maria: In CARVALHO, Carlos Roberto de; PLETSCHE, Maria Denise. **Entrevista Por uma Escola que Reconheça as diferentes Culturas presentes em seu contexto.** *Revista Teias* V.12. n.24. Janeiro/Abril. 2011.

CANDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade.** Rio de Janeiro. 2006.

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil.** São Paulo. Contexto, 2000

CEVASCO, Maria Eliza. **Dez lições sobre estudos culturais.** São Paulo: Boitempo, 2003.

COSTA, Marisa Vorraber. **Caminhos Investigativos II. Outros modos de pensa e fazer pesquisa em educação.** 2 edição, Rio de Janeiro: lamparina editora, 2007.

CUNHA Jr, Henrique; **Nós, Afro-descendentes: história africana e afro – descendente na cultura brasileira:** In: **História da Educação do Negro e outras histórias/ organização:** Jeruse Romão. Secretaria de educação continuada, alfabetização e diversidade – Brasília, ministério da educação, secretaria da educação continuada, alfabetização e diversidade, 2005.

D'ADESKY, Jacques. Racismo e Anti – racismo no Brasil. Pluralismo étnico e multiculturalismo. Rio de Janeiro: Pallas, 2001. Apud GOMES, Nilma Lino. Educação e Identidade Negra, 2001, UFMG, Disponível em: <http://www.lettras.ufmg.br/poslit>.

FERREIRA, Ricardo Franklin. **Afro-descendente: identidade em construção.** São Paulo: EDUC; Rio de Janeiro: Pallas, 2000.

FLEURI, Reinaldo Matias. **Desafios à educação intercultural no Brasil.** In: FLEURI, Reinaldo Matias. (Org.). **Intercultura: estudos emergentes.** Ijuí: Ed. Unijuí, 2001. p. 129-150.

FLEURI, Reinaldo Matias. **Políticas da diferença: para além dos estereótipos na prática educacional.** **Educação e Sociedade.** vol. 27, n.95, pp. 495-520. 2006.

GOMES, N. L. **Corpo e Cabelo como Símbolos da Identidade,** Disponível em: <http://www.rizoma.ufsc.br/pdfs/641-of1-st1.pdf>. 2013.

GOMES, Nilma Lino. **Diversidade Cultural, Currículo e Questão Racial: Desafios para a Prática Pedagógica.** In: ABRAMOWICZ, Anete; BARBOSA. Lucia Maria de Assunção; SILVÉRIO. Valter Roberto (orgs) **Educação como Prática da Diferença.** Campinas, São Paulo: Armazém do Ipê (Autores associados), 2006.

GOMES, N. L. **A questão racial na escola: desafios colocados pela implementação da Lei 10,639/03.** In: MOREIRA, F. A; CANDAU, V. M. (Org.). **Multiculturalismo: Diferenças culturais e práticas pedagógicas.** Petrópolis: Vozes, 2011, p.75.

GORENDER, Jacob. **Brasil em preto & branco: o passado escravista que não passou.** São Paulo: SENAC, 2000.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. **Preconceito racial: modos, temas e tempos.** São Paulo: Cortez, 2008.

GRUZINSKI, Sergi. **O pensamento mestiço.** São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2004a.

HALL, Stuart. **Identidades culturais na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, Stuart. **Quem precisa de identidade?**. In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis: Vozes, 2004b.

HASENBALG, C. A. **Discriminação de desigualdades raciais no Brasil**: In CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil**. São Paulo. Contexto, 2000

HERNANDEZ, Leila Mria Gonçalves Leite. **A África na sala de aula: visita à história da contemporânea**. – 2 ed.. rev, São Paulo: Selo Negro, 2008.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia**. Trad. De Ivone Castilho Benedetti. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

KREUTZ, Lúcio. **Etnia e Educação: Perspectivas para uma análise histórica**. In: SOUSA, Cynthia Pereira de; CATANI, Denise Barbara (Orgs). **Práticas educativas, culturas escolares, profissão docente**. São Paulo: Escrituras Editora, 1998. p. 93-109.

IÑIGUEZ, Lupicínio (coordenador): **Manual de Análise do Discurso em Ciências sociais**. Tradução, Vera Lucia Joscelyne.- Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes,2004.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor, 1995.

LIMA, Heloisa Pires. **Personagens negros: um breve perfil na literatura infanto-juvenil**. In: MUNANGA, Kabengele (Org). **Superando o racismo na escola**. Brasília: MEC, 2005.

MEINERZ, Carla Beatriz. **Grupos de Discussão: uma opção metodológica na pesquisa em educação**. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 36, n. 2, p. 485-504, maio/ago. 2011.

MOREIRA, Antônio Flavio. Reflexões sobre currículo e identidade: implicações para a prática pedagógica. In: Moreira, A, F. e Candau, V. M. **Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas**. Petrópolis: 3. Ed. Vozes, 2009.

MOURA, Clovis. Dialética do Brasil Negro. In: CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. (Org). **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil**. São Paulo. Contexto, 1994.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude: usos e sentidos**. São Paulo: Ática, 2009.

MUNANGA, Kabengele. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia.** Palestra proferida no 3º Seminário Nacional Relações Raciais e Educação–PENESB/RJ, 05/11/2003. Disponível no site: <http://www.acaoeducativa.org.br/downloads/09abordagem.pdf>. Acesso em: 24/06/2013 às 12h09min.

MUNANGA, K. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. **Palestra proferida no 3º Seminário Nacional Relações Raciais e Educação-PENESB-RJ**, em 5 nov. 2003.

MUNANGA, Kabengele. **Lutas contínuas concretizam mudanças sociais e raciais.** In: RIBEIRO, Matilde. “2003-2010 **O Brasil em transformação**”. São Paulo, Editora Fundação Perseu Abramo, 2010. p. 110-125

MUNANGA, Kabengele. **O racismo no mundo contemporâneo: In SISS, Ahyas, Raça, classe, cotas étnicas, sociais e educação superior brasileira.** In SISS, Ahyas, MONTEIRO, Aloísio Jorge de Jesus. (Orgs). **Educação e etnicidade: diálogos e ressignificações.** Rio de Janeiro: Quartet: Leafro, 2011.

NETO, Otávio Cruz; MOREIRA, Marcelo Rasga; SUSCENA, Luiz Fernando Mazzei (Orgs). **Grupos focais e pesquisa social qualitativa: o debate orientado como técnica de investigação.** Minas Gerais, 2002.

ROJO, Luisa Martin. **A fronteira interior – análise crítica do discurso: um exemplo sobre o “racismo”:** In: Lupicínio Iñiguez(coordenador): **Manual de Análise do Discurso em Ciências sociais.** Tradução, Vera Lucia Joscelyne.- Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes,2004.

SANTOS, Ana Pinheiro; JESUS, Juarez Ferreira. **Una cristología negra liberadora en el Brasil.** *Revista Caminhando*, v. 14, n. 1, p. 45-56, jan. jun. 2009.

SANTOS, Luiz Henrique Sacchi dos, “**Um preto mais clarinho**”... ou dos discursos que se dobram nos corpos produzindo o que somos. *Educação e Realidade*, Julho/Dezembro. 1997.

SILVA, Ana Célia da. **A desconstrução da discriminação no livro didático: In MUNANGA, Kabenguele(org) Superando o racismo na escola.** 2ª edição revisada, Brasília: Ministério da educação secretaria de educação continuada, alfabetização e diversidade, 2005.

SILVA. Tomaz Tadeu. **Alienigenas em sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação.** Petrópolis: Vozes, 2009.

SISS, Ahyas, MONTEIRO, Aloísio Jorge de Jesus. (Orgs). **Educação e etnicidade: diálogos e ressignificações.** Rio de Janeiro: Quartet: Leafro, 2011.

VEIGA-NETO, Alfredo. **Cultura, culturas e educação.** *Revista brasileira de educação*, n 23, p 05-15, junho, julho, agosto de 2003.

VIEIRA, Ricardo. **Histórias de Vida e Identidades:** professores e interculturalidade. Porto: Afrontamento, 2011.

WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença:** uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 7 – 72.